



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

UC-NRLF



\$B 159 729





O

PASSEIO.

POEMA DESCRITIVO

DE

JOSE MARIA DA COSTA E SILVA,

TRADUCTOR DA ILIADA.



LISBOA:

NA OFFIC. DE J. F. M. DE CAMPOS

1817.

Com licença do Desembargo do Paço.

Vende-se na loja de Desiderio Marques
Leão, Livreiro, ao Calhariz N. 12,

*Avia Pierium peragro loca nullus ante
Trita voco, juvat intactos at tectis fonte
Atque haurirere, juvat qua novos decerpei
flores*

*Insignemque meo capiti potere inde coronas
Unde nuli prius vetuisti tempora Musae.*

Lucret de Rer. Nat. Liv. 1.

LOAN STACK

PREFACÃO.

*Mas el que fuere planta nobile , ave
real , ingenio peregrino non solo de-
ve illustrar con algunos escritos el
habta natural , sino que le toca con
todo rigor llernarla , y enriquecerla
incessablemente de joyas , ornamien-
tos , policias , y elegancias , stan-
do abrir a los que le succdieren los
caminos difficiles*

D. Christoval Suares de Fi-
gueirôa nel Passaguero.

O Poema , que , cedendo a instan-
cias de alguns amigos , ouso presentar
ao Público , pertence a hum genero
quasi absolutamente desconhecido em

A 2

Portugal. Inda que habitantes de hum dos mais pictorescos, e ferteis paizes da Europa, raras vezes seus Poetas empregarão os olhos do contemplador nas vistosas campinas da sua Patria, onde a Natureza largamente derramava toda a sua opulencia, e que a serie não interrompida dos seculos tinha enriquecido com os preciosos restos dos Carthaginezes, dos Romanos, dos Arabes, e de outras mil Nações, de modo que impossivel se tornava dar hum passo sem tropeçar n'hum monumento.

Nem eu ousarei censurálos! no feliz seculo de quinhentos, ainda a verdadeira Philosophia apenas tinha começado a raiar. Além disso como olharião para as delicias da vida campestre Homens nascidos no meio de hum Povo, cuja paixão dominante era a gloria das

armas ? A flauta de Theócrito seria escutada com prazer , por quem trazia os ouvidos affeitos aos clarins , e aos tambores ? A magestosa tuba de Homero , e a arrojada lyra de Pindaro he que podião ter encantos para os Guerreiros , que hião *por mares* nunca d'antes navegados colher as palmas do Ganges , e apavorar o Catai. Cainões , Ferreira , e Bernardes subêrão fallar dignamente dos Herões Portuguezes : mas basta lançar os olhos ás suas Pastoraes , e ainda mesmo ás de Fernão Alvares do Oriente , para conhecermos , que elles nos fallão de objectos , que lhes erão desconhecidos ; e se não existissem as Poesias de Buscan , e Sannazaro seria impossivel descobrir em toda a extensão do Universo os originaes dos seus quadros campestres.

Sepultado o esplendor , a ventu-

ra, a independência de Portugal nos
africanos da África, pela tão certa, quanto
lástimosa morte do miserando Rei D.
Sebastião, o Sceptro de ferro, que nos
opprimio em sessenta annos de domi-
nação estrangeira, não abriu menores
brechas na Litteratura, que no systema
político do Reino.

Os Hespanhóes nos estragárão o
gosto com o contagioso exemplo de suas
composições. Perdeo-se aquella magestosa
simplicidade, que tínhamos aprendi-
do dos Gregos, e Romanos. As Ora-
ções, ou Sagradas, ou Académicas, se
transformarão n'hum tecido ridículo de
jogos de palavras, de allusões forçadas,
sem estilo, sem doutrina, e sem cul-
tura. A Poesia passou a ser hum jar-
gão de conceitos alambicados, de ex-
cessivas hyperboles, frias antitheses,
pensamentos falsos; tudo isto envolvi-

do em versos estrondosos, e artipiadados de vozes, e frases Castelhanas, que dizem tão bem na lingua Portuguesa, como humas poucas de nódoas em hum manto de purpura.

Com a faustissima elevação do Duque de Bragança o Sereníssimo Senhor D. João IV. ao Throno Portuguez, a necessidade de sustentar com as armas a independencia de hum Imperio, que só a ellas devia a sua fundação, e engrandecimento, não deixou tempo para cuidar-se de restabelecer as Lettras: os mesmos embarços subsistirão nos seguintes Reinados, sempre fluctuantes entre as revoluções domesticas, e as violencias externas. Não deixou com tudo de ser proveitoso este abandono total das applicações scientificas, pois, se não propagou as luzes, ao menos não atabou de preverter os engenhos, avan-

PREFAÇÃO.

çando os progressos do máo gosto.

Tal era a época, em que tomou as redeas do Governo o Magnanimo Senhor D. João V. deste nome, que, em Portugal, parece designado pela Providencia a servir de scello ou á restauração das Lettras, ou á redempção da Patria. A liberalidade, e ainda mais o affago, e benevolencia (os mais poderosos meios de se fazer obedecido) com que aquelle Monarcha acolhia os Eruditos, não desdenhando alumnizar-se nas Arcadias, e Academias dos seus Reinos, e dos Paizes Estrangeiros, fez nascer a Aurora precursora dos brilhantes dias do Senhor D. José I., em que a Philosophia, e as Artes, que em todo o seu esplendor illuminavão o Norte, e o Meio-Dia da Europa, despedirão tão fortes revérberos sobre Portugal, que o Genio, e o

Costo surgindo do lethargo estúpido que o sepultava, puderão anihilar o *Pedantismo*, e submergillo debaixo das ruínas do carunchoso altar, onde até alli tinha soberbamente recebido os incenso, e as zumbais dos Mévius, e dos Lávios.

Hum Ministro infatigavel, e inexaurivel em seus recursos, que a tudo attendia, e que bastava a tudo; ao mesmo tempo que reedificava a Capital arruinada, que fazia reviver a franqueza do Commercio, a ordem, a economia politica, e todas as mais ramificações da administração pública, não se esqueceo de alhanar os caminhos para a Instrucção Nacional. Reformou-se o Plano dos Estudos, restituindo á Universidade de Coimbra aquelle antigo esplendor, que lhe tinha usurpado o monopolio scientifico dos Jesuitas. Cult-

várão-se as Sciencias exactas , a Phisica , a Botanica , a Chymica , a Historia Natural ; aperfeiçoou-se a Medicina ; polio-se a Lingua , levando-a a hum gráo de precisão , e elegancia , que até alli não tinha : a Nação se tornou affavel , e communicativa , perdendo aquelle character frageso , que tinha contrahido nas continuadas guerras. Os Estrangeiros , que trazião algumas invenções , ou conhecimentos uteis , forão benignamente acolhidos ; desenvolveuse o Genio Nacional , e tornámos a figurar na Europa.

Foi Garção o primeiro , que ousou emprehender a Reforma da Poesia Portugueza. Este Homem , dotado de hum engenho vivo , e penetrante , de hum tacto fino , e imaginação fecunda , bebeo em Horacio o gosto da verdadeira Poesia Lyrica , e o tomou por

modelo; sua doutrina, e ainda mais o exemplo das suas bellas Odes, em que apparecia toda a flexibilidade da Lyra de Venusia, puderão mais que toda a influencia do enigmatico Gongora, e do refinado Marini. Abrirão os seus contemporaneos os olhos: nasceo a critica; conheceo-se todo o absurdo do estilo em voga, e o quanto o chistoso desalinho dos Gregos, e a severa magestade dos Romanos era preferivel ao grosseiro vermelhão, e ridiculos rebiques, com que os Hespanhoes desfiguravão as attractivas, e singelas graças da Natureza.

Sua gloria despertou a emulação de Genios maiores: Pindaro, e Anacreonte apparecêrão unidos em Antonio Diniz da Cruz. Com maior estro, elocução mais rica, e sobre tudo com mais philosophia, Francisco Manoel abrange

geu todos os ramos lyricos , e primou em todos.

O simples , o harmonico , o elegante Quita agourou os mais felizes progressos á Poesia Campestre. O seu Poema de Lycore he hum Poema Nacional , que em quanto durar a Lingua Portugueza fará o prazer dos Poetas , e o enlevo dos entendedores. Os seus famosos Idilios respirão todo o espirito de Gesner ; mas infelizmente aquelle Poeta amavel não teve émulos , nem imitadores : os Bucólicos , que se lhe seguirão , ou por falta de gosto , ou temendo a difficuldade , se apartarão do trilho , que elle assignalára.

João Xavier de Mattos apenas mereçe que se falle delle. Domingos Maximiano Torres he hum copista de Virgilio , a quem servilmente usurpa os planos , e até os pensamentos sem lhe

imitar o estilo, e harmonia. Bocage he mais perfeito, e arrancaria a palma ao mesmo Quita, se todas as suas Pastoraes se assimilhassem á *Saudade Materna*: neste Idilio, que elle escreveo já na borda da sepultura, reina toda a elegancia, que era propria do Auctor: os pensamentos são da maior simplicidade, e delicadeza; os versos são perfeitissimos, e descobre-se em todo o Poema hum toque sentimental, que enfeitiça; mas os outros não tem igual merecimento; he diffuso, e cheio de lugares communs: raras vezes conserva o character das pessoas, que introduz a fallar, ou as escolhe mal; ora se eleva ao tom da Epopea, ora degenera em declamador; e, quando evita hum ou outro destes escolhos, imita mais os quinhentistas, que a Natureza. Estes defeitos com tudo não

obstão, a que se encontrem grandes bellezas em Bocage, e o segundo lugar neste genero lhe he de justiça devido.

Taes forão em Portugal os curtos progressos da Poesia Campestre, que os Alemães, e Inglezes amplificarão felizmente, applicando-lhe a Philosophia. Aquellas Nações, de hum caracter severo, e dotadas de hum genio inventor, não tardarão a esgotar-se do escasso circulo, em que os antigos, e os seus supersticiosos imitadores a tinham circumscrivido. Ellas assentarão, e com razão, que este tanto Poetico seria mais interessante, se ás monótonas Canções dos Pastores se substituísse a linguagem das Sciencias, e o vasto espectaculo da Natureza. Os seus primeiros ensaios brotarão Obras primas: Cramer, e Tompson cantarão as Estações; Hal-

ler adornou os Alpes com todas as graças da Poesia ; Thscarner , e Mason fizeram amar os campos, ensinando-nos a cultivalos. O maravilhoso quadro do Universo inspirou Wieland , e Brock ; o gosto da Poesia descriptiva se generalizou, apparecêrão os Rossets , os Delilles , os Saint-Lamberts , os Marnefias. A Italia os traduzio, e os imitou. E que objecto mais util , mais fecundo , mais sublime , mais proprio para inflammarm o Genio ? Todos os lugares , todos os tempos , todos os seres ; eis o immenso espaço , que se apresenta aos seus vóos. A imaginação , que se apraz do maravilhoso , e a razão , que se paga da verosimilhança , onde poderão achar hum objecto mais capaz (1) de excitar as faculdades bria-

A 4.

(1) *Veja Vernet.*

dhantes, que lhe descortinão o vasto campo do Universo, lhe permitem julgar dos fins, dos meios, do encadeamento, e relação das coisas, entrar (digamo-lo assim) em confidencia com o Creador, e tirar pelo que existe, o que ha de existir, ou o que deverá ter existido? Que fim mais digno da Poesia, que estar continuamente chamando os Homens á idéa de hum Deos, que em toda a magestade se manifesta no profuzissimo, variado quadro da Natureza, mais assombroso, mais místico, mais interessante que toda a Mythologia dos Gregos, e todas as Fabulas gigantescas dos Romanceiros?

Nem me digão (como da Tragedia assoalhão Homens, que julgão dos resultados sem examinarem as causas (1)

(1) *Com vergonha e confesso, Nação*

que a Nação tem repugnancia a este modo de Poetisar. Tal proposição se

nenhuma tem hum Theatro mais miseravel, que o nosso. Não, como o affirmão os Cômicos, por falta de gosto no Povo; mas, como a verdade, e a experiencia o indicação, pela inopia, e traficancia dos Actores. Se os Litteratos, se a Nobreza, se as Familias honestas fogem do Theatro, não he por falta de inclinação, mas porque não podem soffrer os monstros d'arte, e os espectaculos Cynicos, que enxovalhão a scena. Se se representão ridiculos Entremetidos, não he carencia de bons Dramas, ou de quem os componha; he porque não se acceita a Comedia de hum escriptor de mercimento, porque o Actor F., que não sabe lêr, lha atravessou com hum parto da sua elegante pluma, ou porque o Actor B. lhe preferio outra de hum seu Amigo, que ainda que não tem lá muito gosto, ou geito para compor, tem bellas chalaças; re-

trabalho de estudar. O Portuguez he sensivel, e tem imaginação, e os objectos campestres lhe são muito mais familiares, que a outro qualquer Povo. Não fallemos dos Provincianos, que tirão de ordinario toda a sua opulencia das herdades, que possuem; qual dos Habitantes de Lisboa, já não digo rico, mas possuidor de hum decente estabelecimento, não passa annualmente no Campo huma das Estações? Quem cooperou mais para a celebridade de Bocage do que a bella a todas as vistas, traducção dos Jardins, e das Plan-

Eruditos, que são os vossos Mestres. Se vos não corrigis, passareis, como até agora na Europa, por hum bando de despreziveis Histrices, e Arlequins, e não por huma Companhia de Actores; o vosso Theatro por huma escola de máo gosto, e humma nódoa no esplendor da Nação.

tas ? Com que enthusiasmo não vio Santos e Silva acolhido do Público o seu Cantico á Primavera ? Interessar , mover , e instruir , eis toda a Poetica deste genero de Poesia , todo o fim que deve propor-se o Poeta Campestre. Elle interessará se tiver o dom de prender a attenção do Leitor , com a força dos pensamentos , com a novidade e valentia da expressão , com o gosto e escolha dos detalhes , com a viveza de colorido , abundancia das imagens , perfeição de contrastes , prestigio da harmonia métrica , e aquella continuada elegancia , que nasce com o genio. Moverá se , em lugar de seguir o fio de huma methódica enumeração de plantas , flores , arvores , rios , montes , etc. de nos entreter sempre de agricultura , de rebanhos , elle mudar as suas descripções em quadros , engrandecen-

do a Natureza , pintando-a no momento em que he sublime (1): se a adornar , unindo n'hum espaço extenso , mas limitado , toda a sua oppulencia , toda a sua formosura. Moverá , se o Homem for sempre o ponto central , a que se refirão todas as suas descripções , a figura principal dos seus paineis. As arvores fallão pouco (disse engenhosamente la Fontaine) ; mas (deveria acrescentar) os Homens fallão muito com as arvores ! A pintura de hum criminoso detido com remorsos , e correndo desesperado os bosques n'hum formosa manhã de primavera , quando tudo em roda d'elle parece rir de alegria , e de formosura : hum linda Donzella chorando no voluptuoso silencio de hum noite de estio sobre o tumulto

(1) *Vede Saint-Lambert.*

lo do seu amante, aonde reflecte o pálido clarão da Lua, formão hum contraste soberbo, e maravilhoso, que introduzindo-nos n'alma as sensações de hum tristeza sentimental, nos fará dermar deliciosas lagrimas. Os mesmos affeitos em sentido contrario produz o quadro de dois amigos, que inesperadamente se reconhecem, e se abraçam no horror das trévas de huma noite tormentosa, ou no ardor de huma batalha. (2)

(1) *Nenhum Poeta, nenhum Pintor possui a arte dos contrastes em tamanho grado de perfeição como esse Milton, tão mordido dos Pedantes; e tão admirado dos homens de genio! ... Quem melhor do que elle soube formar a opposição do horror; a formosura dos lugares, a alegria, ou afflicção das personagens; ou grupar tudo isto sem extravagancia! Que multidão de*

Instruirá finalmente o Poeta com
os detalhes scientificos , detramando n:

*sensações não prova o Leitor ouvindo a.
desesperadas ancias , e freneticos lamen-
tos de Satan no meio das bellezas do Pa-
raizo: Ou se a par os mais ternos colloquios
dos nossos primeiros Pais , o Principe das
trévas rompe neste vehementissimo mono-
logo :*

*Sight hateful ! Sight tormenting ! thus the-
se two*

*Imparadis'd in one another's arms
The happier Eden , shall enjoy their fill
Of bliss on bliss ; while I to Hel am thrus
Where neither joy other torments not is
least ;*

Still unfulfill'd vrith pain of longins pines

*.
. Lyve while ye may ,
Yet happy pair ; enjoy , till I return .*

seu Poema a proposito, e sem affectação, sentimentos de moral, idéas que illuminem os Homens, maximas de virtudes, principios de economia, e mais que tudo com os episodios historicos unidos destramente ao todo; com o elogio dos Heroes da sua Nação, dos inventores, ou dos que amplificarão as Sciencias, e Artes; e chamando sempre a attenção do Leitor á idéa sublime da existência de hum Deus benéfico, que formou o Mundo, e de quem pende a sua conservação.

Com estes principios em vista escrevi, e acabei o meu Poema, cuja composição foi mil vezes interpolada, como observará facilmente quem, co-

B

Short pleasures, for long woes are to succeed.

Milt. Par. Lost. Book 4. v. 303.

tejar as epochas, a que se referem varios acontecimentos, que nelle toco.

Eu o divulgo, menos com o intuito de adquirir os créditos de Poeta, do que com o desejo de despertar a emulação de alguns Génios de primeira ordem, que entre nós felizmente conheço, a empregar os talentos da que a Natureza os dotou liberal, em cultivar hum genero de Poema; em que tanto se nos avantajão outras Nações, a quem não cedemos em genio, em erudição, nem em valor. O complemento dexte desejo me ufanará mais, que todos os louvores, para que olho com tanta indifferença como para as criticas, e invectivas dos Elmiros. (1).

(1) *En travaillant à meriter ma propre estime j'ai appris à me passer de celle des autres; qui pour la plupart se passent bien de la mienne.*

Rosseau.

DEDICATORIA

AOS

AMIGOS.

*C'est à vous, mes Amis, que j'offre
cet ouvrage :*

*D'un coeur, qui vous chérit c'est un lé-
ger hommage ;*

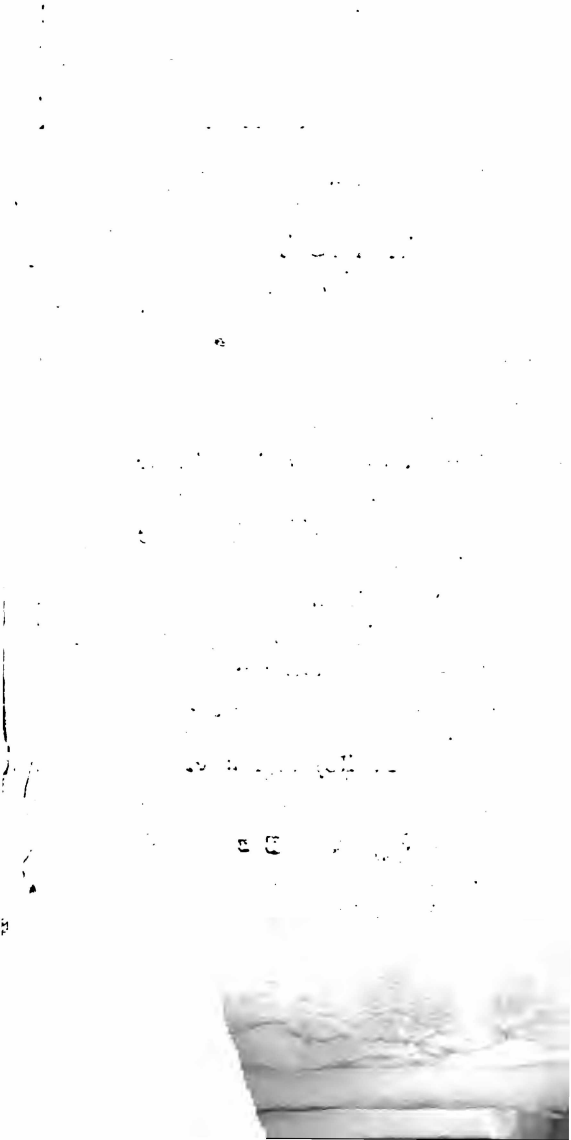
Vous y verrez du sérieux

Entre-mêlé du badinage,

Des traits un peu facétieux

Dont la moral au moins est sage.

Le Roy de Prusse!



AO SENHOR JOSE' MARIA DA
COSTA E SILVA.

EPISTOLA.

Amorosas do sempre verde louro,
Que no formoso Portuguez terreno
Frondoso cresce , e de servir soberbo;
Amorosas do Canto , que revive
Nos divinaes concertos numerosos
Do Vate egregio , que poz medo ao Tas-
so , (1)

Vate, por quem sobeja ao Tibre o Téjo,
Por quem da infausta Ignez o pranto af-
flicto

Mais triste as almas de ternura ensopa ,
E por quem , sobre o Cabo tormentoso,
Ind'agora parece que troveja

(1) Camões.

O medonho Gigante horrendos fados !
As Musas amorosas se glorião
De ouvir nos Hymnos do seu novo Alumno
Accordados os sons de accento eterno ,
Com que Alfeio , (1) Garção , (2) e os
dous Elpinos , (3)
Phylinto , (4) mais que todos arrojado
E o mais que todos sonoro Elmano , (5)
Imprimirão nas folhas da Memoria
Seus Nomes , que immortaes o Imperio
abrangem
Da lauri-cincta litteraria Fama.
Salve , novo Phylinto , cujo metro

(1) Dominges Maximiano Torres.

(2) Pedro Antonio Correa Garção.

(3) Os Desembargadores Antonio Diniz da Cruz e Silva , Elpino Nenacriense ; e Antonio Ribeiro dos Santos , Elpino Duriense.

(4) O P.^o Francisco Manoel do Nascimento.

(5) Manoel Maria de Barboza da Beccaga.

Não desmetêce este inclyto Anagrama ,
Com que Lysia valdosa hombrêa, e cresco
De Pindaro, e de Horacio aos grandes No-
mes.

Entre ás duas estradas luminôsas ,
Por ondê o Grego Lyrico , e o Latino .
Rapidamente para os Céos subirão ,
Selva enredada de espinhosô empeço
Oppunha aos Genios , por barreira, o
sustô.

Lucido Cysne de Permissia pluma
Co' as alvas guias lhe roçou Phylinto ,
E logo, ondê era de tojaes, e abrolhos,
A nova estrada se cobrio de rosas ;
Desenvolto depois batendo as azas
Tão alto rémentouf que inda atégora
Ninguem se jacta de attingir-lhe os vôos!..

Tu, apoz dellê, demandando os Astros,
Discipulo honrador de hum grande Mes-
tre ,

De Apollineas Canções cr'oado sobes

Lá onde poucos , com Apollo, brilhão.

Mas , dos montes da Lyrica harmonia,
Descendo ás Didascalicas florestas ,
Co' a formôsa Lieutard, e Amor com ella,
Revendo, e contemplando a Natureza ;
Imitador de Saint-Lambert, e Tompson,
Co' a amenidade de hũ, e o siso de outro,
Em que pulchra dicção,acceita ás Graças,
Devolves Phylosophicos mysterios
Deleitoso Passeio historiando!...

O Pindo Portuguez, téqui mingoado
Em Didatico esmalte , ora veceja,
E promette vingar , por Ti dispostas,
Novas em seu terreno abrindo Flores.

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

AD AUCTOREM

POEMATIS NOVI.

EPIGRAMA.

Supra Hominum, Mundique vias, su-
pra omnia surgit

Nunc opus eximium, semina lucis ha-
bens.

Crede mihi; nova lux oritur, nova pom-
pa diebus:

Namque Poema nunc surgit ad Astra
tuum.

Stemmata quisquis amat, Postes, La-
quearia, Mensas,

Omnia pro telis explicat Ambitio:

Magnus ut exiliens Macedo pervenit ad
Indos,

Sanguine jam, lacrymas, deficientes
dedit.

Ex aliis alios suspirans Orbibus Orbes

Virtuti metas merquit esse breves.

Libertas pretiosa nimis , si dicere fas est,

Permanet in Campo, sic docet illa suis.

**Vertere velle solum te suspicor , omnia
queris ,**

Quæris opes tecum semper habere tuas:

**Quam bene diva tua facundia sedet in
ore ,**

**Te , Joseph , celebrent agmina cuncta
virum !**

José Getho de Lemos Canebat.

O PASSEIO.

POEMA.

CANTO PRIMEIRO.

*Beside some water's rusky brink
 With me the Muse shall sit, and tinkle
 (At ease reclin'd in rustick state)
 How vain the ardour of the crowd;
 How few, how little are the proud,
 How indigent the great!*

Gray's Ode 1.

JA' não arde o Sol : nos bastos ramos
 Meigo Favónio, suspirando, espalha
 Grata frescura, que convida aos campos,
 Ao risonho espectáculo dos campos.
 Dá-me o teu braço, carinhosa Amiga,

Engraçada Lieutard, e manso e manso
Nos vamos embrenhar nos densos bosques,
Dar pasto ao coração, dar pasto à mente.
Nessas vastas Babeis, Cidades ditas,
Onde cem rostos, génios cem, cem fallas
Se encontrão, se combatem, se confundem ;

Aonde o Luxo, em purpuras envolto,
Em aureo throno, que corteja o Crime,
Desnatura os Mortaes, espanca, e bane
O Prazer, a Amisade, Amor, Ventura,
Sentimentos, Razão, Verdade, e Honra;
Do Despotismo, do Uso, da Vaidade
Escravo seja o Homem; de continuo
Pérfida a lingua o coração desminta;
Sem reluzir em ouro, sem que atroem
Em pintada Berlinda, (nem que o Fado
Pés lhe tolhesse) senhoril Matrona,
Que a virtude só funda na apparencia,
Soberbo Cortezão, (inuteis Entes,
Do Sabio objecto ao riso!) e que os pre-
ceda

Equipagem lustrosa, jámais deixem
Seu Palacio, ou seu carcere . no campo
He livre , ousa pensar nelle tranquillo
Assisado Philosopho, não tendo
Fiscal, mais do que a si, das acções suas;
Vive a seu grdo , a libito seu ama ,
Zomba, ou chora do Mundo os desatinos;
Que a Discordia sacuda em mar, em terra
Seu facho destructor , sua cizania ;
Que ferva a Europa toda em guerra , em
sangue ;

Que,amedrontando osReinosNeptuninos;
Nelson té no morrer victorioso (1)
Entre bronzeos trovões se eleve aos astros,
E, na esphera doSol parando hum pouco,
Dos contrarios Baixeis contemple o es-
trago .

(1) Quando eu comecei a escrever este Poema havia poucos tempos que este Grande Homem morrerá heroicamente em Trafalgar.

E a gloria, que comprou co' a morte d'
Patria,

Exclame = Assaz vivi, morri vencendo =
Que o Corso audaz Reis ponha, e Reis
deponha,

E faça que em Paris reviva Roma,
Nada lhe altera o plácido socego,
Nada o surprehende ou pasma; antes, pe-
zando

Da Razão na balança acções tão grandes,
O devido louvor jámais subnega;
Mas isento de inveja, bem sciente
De que entre Heroes Guerreiros quasi
sempre,

(Muito embora blazonem té de Numes,)
Se da illusão despedir-mos o fantasma,
Em vantagem aos mais Homens, só veremos
Ter posto a fogo, e a sangue o Mundo
inteiro

Oh! como dilatar-se aqui parece
Meu coração, e qual a flor aos raios

Da rociante manhã, se abre ao contem-
plo !

Que rica profusão de aspectos, cores
Attrahe meus olhos sofregos ! presumo ;
Que tudo quanto eu ouço, e quanto eu
vejo

Me convida a gozar ! Mais melin-
drosa

Eta (confesso) a scena, que inda ha
pouco

Risonha alardeava a Primavera ! . . .

Nas gramineas efcostas já não vejo

Surgindo a medo a tímida Violeta ;

A Rosa abotoar, florir o Espinho.

Vai decrescendo a purpura do verde

Em que fulgia a túnica da terra ;

Mas do ouro a côr succede-lhe ; e Natura

Toma hum ar mais agusto, e assim me
agrada !

De novas sensações confuso enxame

Já tanta actividade em mim não sopra ,

E me leva ao prazer ! minhas idéas
Não se atropelão rapidas, nem folga
Minha imaginação de extraviar-se
Pelo immenso Universo. Hú Sol mais vivo
Duplicando o calor, com seu influxo
Relaxa os nervos, musculos distende,
E ao repouso me inclina ! entra em meu
peito

Mais tranquilla, mais plácida, mais doce
Satisfação, que me engrandece, e anima.
Instincto pensador de mim se apossa,
Me chega ao Homem, me interessa o
Campo :

Se contigo, Lieutard, eu decorresse
De Cessão aromáticas florestas,
Ou da que ao Sceptro Hispano, insula,
arranca

O denodado Penn, vergeis frondosos
De auri-floreos Manjins, Cafés, Ollspice-
ces : (1)

(1) O Ollspice he huma especie de Mir-

Se respirasse a viração sadia
De hum clima salutar no ameno Elysio,
Que tanto engrandeceste em versos de
ouro

Waller encantador, quando, fugindo
De humia Patria manchada em Régio san-
gue,
Lá te foste asilar, d'onde trazidas
Por mão do Luxo á Europa estereis pal-
mas

tho da Jamaica, que de ordinario cresce até a altura de 30 pés: seu tronco he d'reitissima, e de mediana grossura; cobre-se com huma casca, ou cortiga luzente, e espessa, que tira a pardo: deita humas folhas cheirosas, e semelhantes ás do louro: os ramos terminão em corymbas de flores como as do Mirtho ordinaria; seu fructo he de huma virtude especial para fortificar os estomagos frios.

Vinhão transpondo os Ceos, transpondo
os Mares

Ornar a frente de Anglicas Beldades : (1)

Oh ! como acceso em Estro eu descantára

Esses grupos de altíssimas montanhas ,

De alcantiladas rochas , figurando

Que pendem , que despenhão ! densos
bosques ;

(1) Entre a multidão de pessoas , que fugindo d' tyrannia de Cromwel se acolligirão ds Bermudas , se foi refugiar nellas Walter hum dos mais delicados Pöetas da Inglaterra : os louvores , que prodigalisou nos seus Versos daquellas pequenas Ilhas suscitarão tal enthusiasmo , que (diz Raynal na sua Historia Phylosophica das duas Indias Tom. 7. pag. 239) as Senhoras Inglegas se não julgavão bellas , nem têm enfeitadas , huma vez que não tivessem chapelinhos de folha de Palmeira das Bermudas.

Que sobre ellas ondeão , que extendendo
Tortas raizes a travez das fragas
De lascados penedos , ahi procurão
Humido nutrimento , que as procellas
Depositárão lá ! sorberbos rios ,
Qu' em cascatas fluctisonas tombando ,
Com medonho estampido nos valles des-
cem ,

Onde , cortendo em morbidos remansos,
Fazem brotar por férteis planices
D' eterna Primavera o esmalte, e o viço?
Mas , Campinas d' America , Indios
Campos ,

Não vos cede em belleza a Patria minhã?
Aqui não surge a férvida Canella,
Não floresce o Cacáo, nem corre o nectar
Dos verdes Camaviezes; porém que importa
Se com prodiga mão Ceres reveste
Nossos Campos de húridas espigas ?...
Se o Numen d' Alegria, em Nisa honrado,
Folga de coroar-se , e enflora o Thyrsos

Dos vecejantes pampanos, que adornão
Nossos ricos outeiros? ... Se Minerva
Sua arvore aqui planta? ... Olfato, e
vista

Pomona nos lisonja com seus fructos? ...

(1)

Se a brincadora Flora aqui despeja
Seu florente regaço? ... Vossas aves
Sem galbardia mais que insulsas côres
C' o rouco pio vencerão das nossas
Dulcisono trinar, e arpejos doces? ...
Tu só, tu Rouxinol, que, ao pôr do dia,
N'hum verde Mirtho, solitario exprimes
Tão extremo amor, tu só bastavas
A animar nossos bosques! Como, a cu-
vilo,

Doce melancolia a alma me opprime!

(1) *Porque a Fama se exalte, e te lisonje*

Camões.

Parece-me , que as arvores se inclinão ,
Que se demorão trépidos ribeiros ,
E os Zéfiroz brincões as azas fechão
Para se enternecer , carpir com elle ! . . ?
Sem tamanha ternura a gentil Noiva
Não chamou nunca o adolescente Esposo,
Ou foi saudosa Mãi do Filho á pira
Dizer-lhe o ultimo adeos , votar-lhe as
tranças. (1)

(1) *Cortar os cabellos , era , entre os Hebreos , hume demonstração de maior lucto. Ezequiel para exprimir a angustia , que deve seguir a ruina de Tyro , diz : Et radent super te calvitium , et accingentur ciliciis. Entre os Gregos era do ritual funéreo , que o Parente mais proximo , ou a Pessoa mais interessada pelo Defuncto cortasse o cabello , e o queimasse com o cadaver. Homero , descrevendo os funeraes de Patroclo , diz , que Achys*

Se não vemes pular nos Lysios campos
 Rápido Azevinho, e no cambiante pelo
 No Estio curo emular, no Inverno a neve;
 Se alli longi-vidente, hirsuto Lynce
 Té ao cimo das arvores não segue
 Timida preza, em que sacie a fome;
 Se artifice Castor, do Téjo á beira;
 Com pasma do Phylosopho não mostra
 Engenhoso primor d'architectura;
 Por estes animaes, que apenas servem
 De exornar de pellica ao Rico estulto,
 Com seu leite mansissimas Ovelhas.

*las depois de desculpar-se com o Rei Sper-
 chio*

οι χειρὶ κομην ἐτάροιο φίλοιο.

Θῆκεν τοῖς δὲ πᾶσι ὑφ' ἡμερον. ἀπὸς γόοιο.

*Nas mãos do caro Amigo. impõe a trança;
 E saudade geral provoca ao pranto.*

Iliad: Liv. 23. v. 152.

Nutrimento nos dão, co' a lã nos vestem;
O cornigero Touro nos ajuda
A romper com o arado o solo á terra
Para extrahir os solidos thesouros
Fizme este io dos Rovos! E quem pôde
Olhar sem gosto o intrepido Ginete,
Ver-lhe as ondas da cauda, as bastas chinas,

O medonho relampago dos olhos,
E o nitrido feroz, que a guerra inoita!
Languido toza a relva... a tuba canta;
Estremece, arde, espuma, a terra pulsa,
E deseja, que o dorso já lhe opprime
O Cavalleiro impavido: com elle
Se arroja aos batalhões; cresce-lhe a audacia

Ao rufar dos tambores; não se assusta
Vendo luzir mortíferas bayonetas;
Golga escutando o sibilo das balas;
Ganha a victoria, ou sem pavor fenece!
E ufania vos sopra a infesta poeira

D'esses metaes funestos, que outro tempo
 Tantas vezes em sangue vos tingirão,
 Nascem a farto aqui, nós os pizamos! ...
 De nossos montes no abrazado seio
 Salí-sulphureas, sem cessar s'elevão,
 Exalações, que operão, que dividem
 Metalinas moleculas, e as fazem
 Turbilhonar nas terreas cavidades;
 Humas com outras no girar se engrossão,
 Cedem ao pezo, e cahem, e se empastão,
 Formão puros metaes, a Prata, o Ouro,
 Plumbo, Cinábrio, o Hydrágito, que en-
 frêa

Virulenta Syphile! De igual modo
 Noe figurarão já ténues parcelas
 D'esse Ether subtilissimo expandido
 Na vasta Creação, que, combinadas
 Co' as substancias chylígenas, nos corpos
 O espirito, que os move, influem, gerão
 Oh Lysia, oh! cara Patria, Eden
 d'Europa,

Mái fecunda de Pindaros , de Homeros ,
Tuas lindas paizagens , teus prospectos
De hum Roucher , ou de hum Tomp-
son não poderão

Inda o génio accender ! , . . indifferentes
Teus Cantores olhárão ricas scenas ,
Em que em torno lhes ria a Natureza ,
Vertendo a inspiração ! Sem trans-
portar-se

Vicissitude immensa contemplárão
De perspectivas, onde o forte, o brando,
Assombroso , e aprazível se alternavão ,
Em valles , em montanhas , vargens ,
praias ! . . .

Ora erguendo-se aos Ceos agudos sérros,
Estalados penedos , que parece
O cahos recobrar , restos medonhos
D'extinguidos vulcões ! alli negrejão
Entre o fundido ferro , escórias , lavas ,
Congestos de Balsático ; arde o Spatho ,
Schistos , Schorles fractiveis pedras, que
ornão

Despojes dos tres Reinos! Ora fulgem
Verde Esmeralda, e nitida Saphira,
Diaspro, Amethysta, Agatha, e Perithes,

Granada, Onix, Diamante! além se
elevão

Calcárias massas, Mármore, Alabastro,
Que tua mestra mão fará, sem custo,
Em Numes transformar, solette Gomes!
... (1)

Na flor da terra ao longe reverberão,
Por entre a relva, e as mádidas aréas,
Do Rei do Dia o tremulo reflexo,
Os diáphanos crystaes, brilhantes filhos
Da terra, e mar, quando ella o Sol fah-
sêa! ...

Eis perto, e longe em quadro pictoresco
Arvoredos, Casas, Collinas, Fontes,

(1) Alexandre Gomes, excellente Escultor Português.

Flumens , Prados , Plantios , e Reman-
sos ,

Onde imaginações sublimes , ternas
O espirito salteão !... Ledos Gados
Pascem as relvas mórbidas , que enco-
brem

Magestosas ruínas de hum Castello ;
Onde outr'ora soberbas tremulárão
As Mauritanas Luas !... Lá descobre
Rústico arado ossadas dos Romanos ,
Que ao ferro de Viriato a vida derão !...
Este Rio me diz , que em margens suas
Vio fugindo Pompêo !... Nessa Cam-
pina

O fementido Galba sangue em chôrro
Fez correr á traição de hum Povo iner-
me !

Aqui , entre trezentos mil alfanges (1)

C 2

(1) A este numero faz la Clede sible

Do Mouro atroce, impavidos erguerão
Lusitanos Heroes seu Rei primeiro !. . .
Com que ternura , Scálabys , não viste
Caro ás Musas , e a Marte o brave Her-
mingues
Sôbre palma*, que o sangue borrifava (1)

*o Exercito dos cinco Reis Serracenos , que
D. Affonso Henriques derrotou no Campo
de Ourique. Vede Histor. de Portug. Tom.
III.*

{1} Gonçalo Hermingues (Filho de Her-
mingues Gonçalves , e Cavalleiro muito
acceito na Côrte d'ElRei D. Affonso I.
pela sua bizarria , valor , e mais que tu-
do pelos seus talentos poéticos) derrotan-
do os Mouros defronte de Almada , se re-
côlheo a Santarem triunfante , e carrega-
do de despojos. Alli se apaixonou perdi-
damente por huma gentil Moura , que elle
mesmo tinha captivado na passagem do
Têjo , com morte do Cavalleiro , que a es-
côltava. A bella Mahometana não foi in-

De-Fatima render-se a hum terno riso!
Inda murmura em margens do Mondego
Essa Fonte, que o nome tem de Amores,
Onde folgando em braços do teu Pedro
Estavas, linda Ignez, posta em soco-
go (1)

*se: sivet aos suspiros de hum Senhor tão
amavel; ella recebeu o Baptismo mudan-
do o antigo nome de Fatima no de Ori-
ana, e casou com Hermingues, que cada
vez mais amante, não cessava de inven-
tar galanteios para divertila, fazendo del-
la o unico objecto das suas Poesias, das
quaes se conservão algumas. As Damas
da Côrte a cantavão, e invejavão a sua
ventura, que se murchou em flor pela
immatura morte da formosa Oriana. Her-
mingues tomou tanta paixão, que, aborre-
cido do Mundo, fundou o Convento de San-
ta Maria de Thomar, onde acabou a vi-
da.*

(1) Verso de Camões na tão celebrado.

Sem temer o punhal , que a Inveja er-
guia !

Eximios Vates , que adornais a Patria,
Tempo he já de mostrar ao Elba , ao
Thames ,

Que tem Pardos o Téjo , que descantem
Seus Elysios gentis em metro augusto.
Festões de flores entretece a Gloria

*Episodio da morte de D. Ignez d: Cas-
tro , onde falla da fonte dos Amores nes-
ta Outava digna de Ovidio.*

*As Filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo , chorando , memorárão ,
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformárão :
O nome lhe puzerão , que inda dura ,
Dos Amores de Ignez , que alli passárão :
Vede , que fresca fonte rega as flores ,
Que lagrimas são agua , e o nome améris.*

Lusiad. C. 3. Stanc. 135.

Para a frente cingir-lhe, e os chamado
Campo !

Ouvidos não cerreis á voz da Deosa.

Aqui onde ribeiros tortuosos

Verdoso esmalte mórbidos retalhão

Desta campina em modos mil, e á son-
bra

Destes pomares recendendo ao longe

Có' a alva flor de auri-verdes Larangei-
ras ,

Vem dedilhar de Crámer o Alpude (1)

Culto Elpino , por quem de Horacio as
notas

Soão na Lusa Cithara tão doces : (2).

(1) Huns toção alaúdes sonorosos
Outros arpos dedilhão , com que en-
cantão.

Barbuda , Virgins Cant. 4.

(2) O Illustrissimo Senhor Desembair

Tu tambem , que a amizade une com-
migo ,
De quem mil vezes escutei gostoso
Os versos immortaes , que Phebo appro-
va ,
Vem , secundo Tomino, e recostado (1)
Ao verde abrigo de hum rosal frondente
A' Primavera canticos entoa !..
Trajados de Germanica harmonia
Corrão teus Versos , bastos como as on-
das ,
Vários como o tapiz que os prados ves-
tem.

*gador Antonio Fibeiro dos Santos, Bibli-
thecario Mór da Real Bibliotheca Públi-
ca de Lisboa, que, debaixo da nome de
Elpino Durlense, enriqueceo o nosso Pa-
naso com huma elegante Traducção em
verso das Odes de Horacio.*

(1) O Senhor Thomaz Antonio dos San-
tos e Silva.

Seja a voz de Wielland, de Young a
Lyra.

O novo Estádio correrei convosco,
Natureza nos abre os seus arcanos,
E a meiga solidão nos presta abrigo!

Amavel solidão, tres vezes salve!
Amavel solidão! Tu és o extremo
Dos bens, que Jehovah reparte ao Mun-
do:

Por ti nossos prazeres-se aviventão,

Por ti nossos pezares-se amortecem!

Amante desditoso, que revolve

No coração Océanos de penas

Foge a teu seio: á chaga tu lhe vertes

Salutifero anódino, e benigna

A dor lhe estancas, e a fadão lhe volves?

Lá quando em torno aos muros de Ne-
ptuno, (1)

(1) *Consulte-se a Iliada. Livro 9. Versos 185.*

Com guerra de dois lustros , fatigavão
Da Grecia os Filhos os Heroes da Phri-
gia ;

Do altivo Rei dos Reis , do audaz My-
ceno

Vivamente offendido , e maldizendo
Porque os Ceos a vingança lhe coarcta-
vão ,

O Filho de Peléo , da Grecia o Raio ,
Deixadas armas , gloria , anrigos , tudo ,
Entregue só a ti , ao som da Lyra
Na solitaria praia descantava

A entenerida Amante, que em soluços
Por graceiros Heraldos arrastada
Em vão de Achylles implorára o nome.

Artes , Sciencias , dadas do Eterno,
Que o Mundo abrilhantaes, ao seu abrigo
O mor lustre deveis ; nelle incansavel
O sublime Bufon , co' a mente accesa ,
Co' a vista curiosa penetrava
Da Natureza o Sanctuario occulto ,

Onde em mística neves envolta, esquivou
 Olhos ignaros do profano Vulgo,
 E o liminar lhe vela assiduo Estudo,
 Cujo ardente fanal mostrava ao Génio
 Altas verdades, immortaes segredos,
 Com que o Mundo depois encheo de as-
 sombros.

No repouso da noite, quando o somno
 O resto dos Mortaes em ócio ignavo
 Prendia ao leito, o Newton da Tosca-
 na (1)

(1) O celebre Galilei, punido por en-
 sinar o Systema de Copérnico, hoje ple-
 namente recebido de todos os Sabios.

Tanto Torio potes, tanto l'antica
 Da P. mbra uscita, e di flagelo armata
 Deta Ignoranza, chi de i sacri ingegni
 Sed la Tiranna, in manto arabe, in lingua
 Barbarica stridea sua maestra,
 E intesa a spauentar l'arte nascente

Vítima da Ignorancia , e Fanatismo ,
Titão sem crime , hia escalar o Olympo ;
Olhava o curso das fulgentes massas ,
Milhões de Mundos , que no espaço na-
dão ,

Chegando-se , fugindo-se continuos ,
Reciprocos se prestão luz , e sombra.
Via-se era o Cometa , qual pensava
A rude Antiguidade , annúncio torro
Da ruina dos Reis , quédá de Imperios ,
(Poís throno jámais cahe , sem que seu
pezo

Esmague huma Nação) ou vagabundo
Explorador do exercito dos Astros ,
Que humilde á voz do General prestante
Descreve em torno ao Sol elipse immensa.
Vós prazer dos Mortaes , da vida encan-
to ,

Vanto gia Galileo vinto per lei.

Bentenelli.

Filhas do Ceo, oh! Graças tres das Artes,

Sábia Poesia, Musica, Pintura,

Vós da Morte rivacs, rivaes do Tempo?

Que em metro, em canto, que em pincel divino

Os Heroes arrancais á campã fria,

O pensar lhe volveis, voz, moto, vulto,

E ao seio os conduzis da Eternidade,

Quanto não lhe deveis? Foi por ventura

No turbilhão, e estrepito do Mundo,

De brilhantes, faustosas assembleas,

Ou recolhido em si, que o Anglo Homero (1)

Vingando-se do insulto da Desgraça,

Que aos olhos o Universo lhe furtava,

(A' maneira do Heroe, que vê mal pagas

(1) *Vêja-se sobre esta passagem o Paraíso perdido de Milton.*

De Tiranno, que serve, altas proezas,
Vai off'recer-se a Principe brioso,
Que o ama, e com usura o remunera,)
A terra desdenhando, sobre as azas
D' aquecida, inspirada Fantasia
Impavido adejava ignotos Mundos,
Hia ao throno curvar do Omnipotente,
Ouvir-lhe a voz, e, examinando o Em-
pyreo,
Ao Baatro profundo se arrojava.
Lá o Antitheo Satan bramando via
Do igneo lago surgir, qual sahe zunin-
do.
Das inflamadas fauces do Vezuvio
O lava destructor, que envolto em fumo
Visinhas Povoações destroe, derruba,
E ameaça ruina ao Orbe inteiro;
Do Monarca infernal ouve o Concilio,
Acompanha-o depois, vê como encara
A incestuosa Filha, o Filho infando,
Passa incerta a do Cãhos anarquia,

Vê-o atravez do vácuo ao Sol subindo
Uriel illudir , e no Eden sacro
A innocencia opprimir ! O' Noite ami-
ga ,

Socia da solidão , tu testifica
S' ella foi quem dictou o Canto augus-
to

Ao Britanno Cantor ! Quem, senão ella,
A Tasso revelou os ais, os prantos ,
Ternos suspiros da extremosa Erminia?
E extrahia do meio dos sepulchros
Esses nocturnos , ponderosos Cantos
Do Vate do Futuro , (1) que encantarão
A soberba Albion ? Tu , que de Roma
Foste a gloria, e hês o Idolo do Mundo,

(1) Young , Poeta Inglez, tão estimado das Pessoas de gosto pelo pathético , e sublime colorido das suas Noites. Era escusado advertir , que lhe dou este epitheto de Vate do Futuro pelo seu Poema do Juizo Final.

Tu, que brilhante Estrella encaminhas:
te

Meu passo-juvenil pela ardua senda
Do difficil Parnasso a tantos invio,
Oh! Mestre, oh! Phebo meu! Virgilio
amavel,

Quem póde duvidar que a Musa tua
Amára a solidão? Tu mesmo o dizes,
Quando, depois de expôr em versos de
ouro

Os segredos dessa arte proveitosa
De alimentar os Homens, (1) que in-
sensatos

Mal se lembrão que existe, quando in-
sanos

Na que os destroe se esmerão, suão,
canção,

Próva disto os excessos de meus dias,
Que o Senna, o Tibre, o Téjo, o Ni-
lo, o Rheno

(1) *As Georgicas.*

Fizerão enxorrar sangue , e inda agora
Levão da Guerra o fogo ao frio Nor-
te) (1).

Em quanto Cesar vencedor no Euphra-
tes (1)

(1) *Ardia então no seu maior vigor a
Guerra da Russia.*

(2) *Hæc super arborum cultu , paco-
rumque canebam*

*Et super arboribus : Cesar dum magnus
ad altum*

*Fulminat Euphratem bello , victor que
volentes*

*Per populos dat jura , viamque adfectat
Olympo.*

*Illo Virgilium me tempore dulcis alebat
Parthenope studiis florentem ignobilis oti ;
Carmina qui lusi Pastorum audax que
juventa ,*

Tityre, te patula cecini sub tegmine fagi.

Georg. Lib. 4. in f.

Fulmina victorioso, e Leis promulga
A submissas Nações, tanto engrandece
Da tranquilla Parthénope o repouso.

Desce a noite, supita o-Somno o Mun-
do :

No solitario leito a infausta Dido (1)
Única vella : em mar de pensamentos
Sua idéa naufraga : Amor, Vingança,
Ódio, Furor no peito se lhe alternão,
E em toda a parte o Teucro se lhe anto-
lha.

„ He esta a fé, exclama em pranto a tris-
„ te,

„ D'esse Heroe em piedade abalizado !

„ Que o velho Pai salvou por entre as
„ chammas

„ Da abrazada Dardania ! que blazona

„ D'interessar os Ceos em seu destino !...

„ Se he tal hum Semideos, quem será
„ monstro !...

(1) *Recorr. se á Eneida. Livro 4.*

CANTO I.

47

- „ Saçodido do mar co'a morte á vista
„ A's praias do meu Reino, acolho mei-
„ ga
„ Franqueio-lhe meu Paço : . . . oh ! . . .
„ isto he nada
„ Minha mão . . . e por premio me a-
„ bandona !
„ Cabe tanta maldade em peito huma-
„ no ?
„ Ah ! se o rosto he fiel retrato d'alma,
„ Seu rosto taes perfidias não promet-
„ te ! . . .
„ Eu talvez m'enganei . . . suas palavras
„ Não percebi . . . talvez , Dido infel-
„ lice .
„ Amor com vãos fantasmas te atormen-
„ ta
„ Sim , as Náos , que engolfadas já pre-
„ sumo ,
„ Talvez na fulva arca a quilha encra-
„ vão

Nada socega a receosa Amante ,
Corre inquieta a mízera Rainha ,
Já com trémulo pé ganha alto eirado ,
Que dominava o mar , e immovel fica !...
A' luz da incerta Aurora vira-a-infausta
Do perjuro os Baixéis , que a plenas vélas
Entre as vagas azues de hum mar dou-
rado (1)

Sobre as azas dos Ventos se escondião ...
Hum pouco torna-em si , que não tor-
nára ,

Sentira menos dôr ! „ Que ! desafer-
„ rão !.....

„ Partirão !... ai de mim !... Oh Jo-
„ ve , oh ! Numes !... ..

„ Mas que Jove , ou que Numes !... ..
„ São quimeras , .

„ Ou justos em punir minha loucura!..
„ Eu , eu propria devia o tenro Filho

(1). Dois versos de Garção.

- „ C'estas mãos lacerar ; . . . c'os mems,
 „ broo delle
 „ Banquetear o Pai ! . . . Mesmo a seus
 „ olhos (1)

(1) *Infelix Dido! nunc te fata impia
 tangunt!*

*Tam decuit, cum sceptrā dabas. En dex-
 tra fidesque!*

*Quem secum patrios ajunt portare Penatis,
 Quem subiisse humeris confectum atque
 parentem*

*Non potui abreptum divellere corpus, et
 undis*

*Spargere! non socios, non ipsum absume-
 re ferro:*

*Asconium, patrisque epulandum ponere
 mensis*

*Verum anceps pugna fuerat fortuna. . .
 Fuisset! . . .*

*Quem metu moritura! Faces in castra
 tulissem,*

- „ Levat o fogo ás Náos, matar-lhe os
 „ Socios,
 „ E enviálo depois ao negro Inferno
 „ Seus Manes consolar mas . . . ah !
 „ que os Monstros
 „ Já de todo a meus olhos s' escondê-
 „ rão ! . . .
 „ Zombão do meu furor, e fico inul-
 „ ta !
 „ Furias surgi, brami Tufões, e Ven-
 „ tos,
 „ Inchai-vos Escarcêos ! . . . vossos fu-
 „ rores
 „ Sobre o Ingrato apurai vingai . . .
 „ vingai-me

Implessemque foro flammis, natumque pa-
tre mque
Cum genere extinxem; namet super ipsa
dedissem.

Virg. En. L. 4.

„ Jogó das vagas largo tempo ; acabo
„ Sobre duro penedo esta alma . . .
„ esta alma
„ Que hum momento não tarda , che-
„ gue o tempo
„ De insultar seu destino . . . Mais dis-
„ sera ,
„ e fallece-lhe a voz , e á dor sucumbe.
Quadro divino , vezes mil fizeste
Meu pranto borbulhar ! Talvez o Vate
A' mesm' hora, em que o Teucro fermen-
tido
A miseranda Elisa abandonava , (1)
Pensava a ti ! talvez na muda noite
Teinha inspiralo ó espirito da infausta ;
Descubrir-lhe fiel quaes então forão
A dôr , suas vozes , exultando
Eterna reviver em seus escriptos.

(1) *Dido.*

Rafael, e Lully, Rameau, Corré-
gio, (1)

E vós, Patricios meus, Marcos, Hen-
rique, (3)

Que d'Elmano as feições roubaste á Mor-
te,

(1) Rameau, e Lully são tidos pelos
Pais da Musica Franceza, e os Recita-
tivos deste ultimo paixão por sem iguaes
na França, assim como as Arias do ca-
nto. Destes dizia Voltaire: Rameau en-
cantou os ouvidos, Lully encantava a al-
ma. Rafael, e Corrêgio célebres Pintores.

(2) Marcos Antonio Portugal bem co-
nhecido até na mesma Italia pelas suas
Composições de Musica. Fallo tambem aqui
de Henrique José da Silva, que tirou o
retrato de Bocage moribundo (patriotismo,
que não tiveram os Pintores do tempo de
Camões) acção, que foi celebrada por
quasi todos os Poetas Portuguezes. Ao Gé-
nio só he que pertence honrar o Génio.

Para que sempre os Pósteros tivessem
Seu rosto em teu pincel, a alma em seus
Versos ,

Seus Discipulos sois; mas quem no Mun-
do ,

Amavel Solidão , a ti não deve
Sua gloria , ou prazeres ? Ai daquelle
Que em teu seio não folga de abrigar-
se !

Virtuoso não he. A'spide occulto ,
Que as entranhas sem dó lhe dilacera ,
He o torvo remorso , que lhe esperta
Não desmentida voz da consciencia . . .

Consciencia , que és tu ? . . . fiel relogio,
Obra prima do Artifice Supremo ,

Que ao Homem lá no fundo d'alma a-
pontas

Delictos , e virtudes ! de ti fuja
Quem lembrança do crime afflige, ancêa,
Desgraçado , oh ! Lieutard , o que as
mãos ímpias

Tyranno esventou em sangue humano
Se, fugindo a si mesmo, escapar pensa
Nos solitarios bosques embranhado !
Companheiro fiel dos Réos, o Medo
Vai em seu coração, e lho povoa
De fantasmas sem conto a oppressa idéa.
Brando murmúrio de agitadas ramas
He do trovão o estouro, que annuncia
O raio vingador do Omnipotente !
Pequenino regato, que deriva
Por entre alvos seixinhos saltitante,
Os brados, com que o sangue despargido
Clama vingança aos Ceos ! e em toda a
parte

Sombras, ventos, outeiros, que figura
Mil Lémures de aspecto carrancudo,
Lhe quebrão tanto os olhos, que en-
doucece !

Que differente quadro nos presentão
Dois puros corações de amor accesos,
Que hum para o outro, como nós, res-
pirão.

ma
pe
do
dec
da
ssi
ar
10
2

ameigas; sensações, só se abandonando,
longe o negro pezar ecúleo d'alma!
Em torno dellas ri-se a Natureza,
O Ceo chove seus dons, pula a alegria.
Quantas vezes á sombra destes myrthos
Reclinando no molle teu regaço
Minha cabeça, e sófrego fitando
Teus lindos olhos, únicos meus Deuses,
Beijando a nivea mão, com que me ab
fagas,
Dexteis lábios pendi immeto, e quedo
Em mares de prazer a alma engolfada
Gri ver a Terra rebentar-me em flores,
Cantando festejar-me as Avesinhas,
Os Ventos murmurando de invejosos,
E luminoso Génio em nuvem de ouro
Sobre nós despargindo Idalias Rosas!
Então, mudando ser, o pensamento
Em ti fixava; em extasi, pensando
Que o Mundo fica alli, não vai mais
longe.

D. 2.

· Momentos de prazer parai . . . fugi-
rão ! . . .

Momentos de prazer ! quanto sois leves
A fugir , e a volver quanto tardonhòs !
Parece que prégais á Humanidade ,
Que á dôr nasceo , á pena , ao pranto ,
á magoa !

· Da America tranquillòs Habitantes ,
Quem , melhor do que vós , póde affir-
mallo ? . . .

Vós , que outr'ora o Destino parecia
A' desdita furtar ? . . . em vão Natura
Vos tinha acantonado em Mundo igno-
to ! . . .

Immensuravel pélago debalde
Vos circum-defendia ! que obsta ao Ho-
mem ,
Quando o inflamma a ambição , o acen-
de a gloria ? . . .

Por esse mesmo pélago já rompe
O Ibéro destructor , co' a Morte ao le-
me :

Debalde empolla o mar, que s'embraveco
Com a insólita audácia ! . . . em vão trea
vezes

O Génio desse globo a mão levanta ,
Porque em liquido túmulo sepulte
Dos Corsarios da Europa o nome , os
crimes ! . . .

Irevogavel Lei do Fado o impede ;
Elle o conhece , e as lagrimas lhe asso-
mão :

„ Ai , miseranda America , não posso ,

„ Não te posso valer ! . . . Eu vejo os
„ ferros ,

„ Eu vejo a escravidão , vejo os estra-
„ gos ,

„ Que esses Baixeis conduzem ! a Ven-
„ tura .

„ Foge deste Hemispherio , e Amor
„ com ella .

„ Olho o sangue , olho o fogo : já fu-
„ zila

- „ O tremendo Cortez , o audaz Pizarro,
 „ O bronzi-tono Almagro , que dos
 „ Andes , (1)
 „ Collossos , que dos Coos o peso atu-
 „ rão , (2)
 „ A cordilheira aspérrima atravessa ,
 „ Para ir fartar no Chili a sacra fome (3)
 „ Dé sangue , e de ouro , que lhe abar-
 „ ca o peito f. . . .
 „ Vejo os trovões Hespéricos , que pros-
 „ trão
-

(1) Este cordão de montanhas (as mais altas do Globo) se distende por mais de mil e duzentas leguas do Istmo de Panamá ao Estreito de Magalhães , e divide o Peru do Chili , correndo de Norte a Sul.

(2) Verso de Bocage. Tom. III.

(3) *Quid non mortalia pectora
cogis*

Aur! sacra fames !

Virgil.

„ Os Pagodes do Sol ! . . . Lá sobre as
 „ aras
 „ Seus Ministros por victimas expirão!..
 „ Que Povo immenso , que remeda a
 „ noite
 „ Na côr da face , que o pezar lhe en-
 „ ruga ,
 „ A este Orbe devastado se transplan-
 „ ta ! . . . (1)

(1) *Il est étonnant que tandis que l'Europe, et la France en particulier, s'élève avec tant d'unanimité contre l'abus de l'esclavage des Nègres; on souffre que des Nations voisines, non seulement fassent une guerre injuste au commerce tranquille, mais encore réduisent à un esclavage, mille fois pire que celui des Nègres, ceux des Voyageurs, Marchands, Soldats, Marins pris sur nos Vaisseaux, et qui deviennent leurs prisonniers: j'y parle des Barbaresques, dont l'infame brigandage*

- „ Aos centos , aos milhares os vomitão ,
 „ Artilhados Galeões ! tùmida a espalda
 „ C'o retalhante açoute , e tarda a plan-
 „ ta
 „ Do estridulo grilhão , entranhas rom-
 „ pem
 „ De rochedos , e montes , por que es-
 „ cavem
 „ Thesouros , que enriqueção seus ty-
 „ rannos !
 „ Ou nutridos de hum pão , que o pran-
 „ to abranda ,
 „ As preciosas arvores cultivão ,
 „ Que o luxo lhe fomentem com seus
 „ fructos.
 „ Mas que espadana fúlgida rompendo ,

*appelle contre eux les armes des Nations
polices , et sur-tout commerçantes.*

Mr. Peuchet , Dictionnaire Universel
de la Geographie Commercante. T. I. p. 120.

- „ A nevoa espessa , em que se envolve
„ o tempo ,
„ Prospectos abre , que o desgosto ade-
„ ção !
„ Regozija-te America ! a vingança
„ Chega dos ferros teus ! por que alto
„ preço
„ Teu dominio fatal adquire a Europa !
„ De Polo a Polo a guerra s' incendêa
„ Cresce a exigencia , estragão-se os
„ costumes ,
„ Perece a fé dos thalamos ! mil fórmãs
„ De inauditas , de esquálidas Doenças
„ Toxicos vertem de tartáreas taças !...
„ Corrupta a geração nas proprias fontes,
„ O acceso Amante pallido recêa
„ Hir a morte encontrar da Amiga em
„ braços ! . . .

Assim fallando o Genio, em densa nu-
vem

Rosto, e vulto envolveo, no mar sú-
mio-se.

O vaticínio atroz encheo-se em tudo.
Onde ha peito de bronze, e voz de ferro
Capaz de referir porção mesquinha
Dos homicidios, sacrilegios, roubos,
De attentados sem nome, que horroresos
Alastrarão Perú, México, Antilhas? ...
Quem poderá contar Nações inermes,
Espavoridas, tímidas fugindo
Ante Homens Nomes do trovão Senho-
res? (1)

Degolados os Reis, tenros Infantes
Das uxoribundas Mães vestendo a vida
Sobre os abertos peitos? ... sem des-
maião

(1) *Por inselitos mares,*
Calçando insanos medos
D'além Colomb, daqui o inclito Gama,
Vão tremular occidentaes bandeiras
Entre Povos, que ajoelhão
Ante Homens Nomes do trovão Senhores.

Francisco Manoel.

CANTO I.

83

Os Hispanos crueis ! ... que nova especie
De Homens são elles, se Homens são, não
Furias ?

Oh ! verdade cruel ! ... fizera o mesmo
Outro Povo qualquer , que , seduzido
De céga opinião , virtude , e gloria
Essas proezas barbaras julgasse !

Sim , Amiga , supposto a humana es-
pece

Tão vária nos pareça , he sempre a mes-
ma ,

Inda que os accidentes modifiquem.
Estendamos a vista no Universo ,
Vasto Hospital, onde os Mortaes delirão:
Em quanto d'espumosas, salzas ondas
Cinge o Padre Oceano; ou guarde o
nome ,

Ou , cõ as Nações mudando-o porque
passa .

Banhe estrangeiras, e longinquas praias ,
E o Hispétio confunda ao mar Edo ;

Nas diversas paixões, nos varios climas,

Que influem nos Mortaes, que os diversão,

Seja soberbo China, ou Persa adusto,

Sombrio Inglez, ou pensador Germano,

He o fundo do Homem sempre o mesmo:

Sempre ri ao prazer, e á dor suspira,

A vingança lhe apraz, resvala ao vicio,

E a virtude procura, e se affadiga

Apoz o seu fantasma, e o da ventura;

Que ventura, e virtude he nóta a poucos,

E moldalla a seu genio intentão todos!

Tal no imperio de Amor, na variedade

De talhe, de feições, de gesto, e garbo,

Que as Ninfas nos presentão, na que amamos,

Crêmos ver a belleza, e della á vista

Vilescem as demais, enojão, pesão.

„ Quão louco Harpágo ! que milhões
„ ferrolha ,
„ Na abundancia indigente , e dia , e
„ noite
„ Ajoelhado aos cofres , faz , sem pejo
„ Seu Numen do ouro ! socegado somno
„ Jámais lhe affaga os encovados olhos :
„ Doces prazeres , nectar da existencia
„ Para elle não são , e assim presume
„ A dita encadear dentro de hum cofre !
Assim exclama Alcipo , e Alcipo acerta :
Mas será menos que Harpágo insensato ?
Elle ao menos o crê , certo a seus olhos
Nada he mais que a avareza aborreci-
vel :

Mas fugindo este vicio dá no opposto .
De igual maneira no Trinacrio Estreito
Charybdis foga o Nauta , e topa em
Scylla .

Mas o profuso trem quiçá que o lustra ,
Esse ouro , que a diluvios elle entorna ,

Pelas mãos de lascivas Bailarinas,
Amantes sem amor, voragens fundas,
Sempre abertas, e sempre insaciáveis;
Esses lautos festins, a que tombando
Preside a Embriaguez, e em còro cantão
O Tumulto, o Delirio, o Excesso, a
Gula,

De Harpago a par bem podem collocallo:
Ambos pela ventura se affadigão.
Mas do character proprio extraviados,
Não conhecendo a dita, vão fundalla
Harpago em ouro, Alcipo em vãos praze-
res.

„ Longe hum Mundo empestado, lon-
„ ge hum Mundo
„ Cópia do Inferno, onde campêão vi-
„ cios,
„ Onde, excepto a Virtude, o mais se-
„ beja!

Brada em barbaro zelo hum Pai sem viso,
E, os intuitos frustrando á Natureza,

Aos Altares arrasta ingenua Filha
Nascida para amor, cujos feitiços
Tornarão feliz hum terno Esposo,
Se ao Amante, que adora, a não rouba-
sem.

Curvada a infausta victima, recebe
O véo fatal; e em pranto, e mais ainda
Em soluços por vozes, pronuncia
O sacro juramento, que levanta
Invencivel barreira entre ella, e o Mun-
do.

Applaudem os Amigos, e os Parentes,
E exclama o Genitor: He já ditosa!
Roubei-a ao Mundo, á Seducção, e En-
gano!

Exultas Insensato! ... chorar deves! ...
Foi só para miserrima tornalla,
Que á Filha deste o ser? Quem? ... quem
te ha feito

Déspota de vontades! Donde houveste
O direito horroroso de arrancares

D'entre os braços de Amor fraca Donzel-
la !

O Monarca fraudar , a Patria , o Mundo ?
Da cadêa de Heroes , que talvez della
Brotaria feliz , e fôra illustre
Em glória reluzir na Eternidade ?
Pôde ser grato aos Ceos hum dom vio-
lento ?

Livre a vontade nos deixou o Eterno ,
E hum Pai maior poder , que hum Deos
se arroga ?

Não temes , que sacrilego profane
O sacrosanto Altar , Ente que tenha
No Claustro o corpo, o espirito no Mun-
do ?

Entra comigo nesse asylo, aonde
Mil , como a tua , victimas piedosas
Do Despotismo , do Erro , do Interesse
Seus Tyrannos maldizem, vida, e fado !...
Alli se alagão solitarios Leitos
Em lagrimas nocturnas !... comprimidas

Em silencio espantoso se devorão
Agras lembranças de memorias doces! ...
Seus quadros a Saudade, e Amor presen-
tão! ...

E a grata Liberdade, então mais grata,
Por que impossivel he, vem inquietallas
Te quando entoão sacrosantos Hymnos,
Ou co' a imagem do Amante não logra-
do,

Ou do prazer c' os quadros seductores!
Apraz-te este painel? crês-te inda justo?
Filha dos Ceos, que a Terra e Ceos con-
junges,

Porteira ao Sacro Elysio, Orgão do E-
terno,

Quando te dignas de fallar aos Homens,
Santa Religião, que Nome augusto
Por excellencia ao proprio te compete!
De ti dimanão sólidos prazeres,
Verdadeiro saber; sem teu archote
Insensata he Razão, e o Sábio estulto!

Por ti a Esposa o Esposo não falsar;
Quando pela justiça empunha as armas
O Guerreiro sustens no Márcio Campo:
Tu a fonte perenne d'onde emana
A sensibilidade encantadora
Mãe de nossas delicias mais gostosas,
Mãe de nossos pezares mais pungentes,
Que os Homens fraterniza! em duro
leito,
Quebrado a tratos de miséria, e dores,
Desfallecido Enfermo a débeis vozes
Secorro implora! impávida rompendo
Por infecções, por ancias, suatos, me-
doas,
Que Amizade talvez, e a Natureza
Temêrão de armar, benigna vós
Dar-lhe consolação: no ponto extremo,
Das quimeras do Mundo o desengana,
Sóbes-lhe a idéa ao Ente Auctor dos En-
tes,
Princípio, e Fim de tudo, em cujo aspe-
cto

Hum momento, hum momento só d'en-
fado

Sóbra a punir mil seculos de culpa !
Salve , Irman da Razão , e apoio della ,
Deusa , que adorei sempre ! eu por ti ju-
ro ,

Que da calumnia o fel verter não tento
Nos sacros votos teus : respeito ó Diva !
Sacrosantos asylos , onde escondes
A's tormentas da vida ingenuas Virgens
Ao Eterno votadas , só condemnno
Abusos , e violencia , que abominas.

Deslumbrado ao fulgor, em que rutila
Esse fantasma vão , que chamão Gloria ,
Lá deixa o Macedonio , só ouvindo
Os brados de esperança , escasso Reino ;
Que o berço fôra seu ! Atravessando
Mais veloz , que o relampago veloce
Nações imigas , co' a victoria em frente ,
Attes montes aplana , saltá rios :
Só a escutar-lhe a voz n'uralhas suam t...

Prostrão-se: Impérios, sóbem Reis, ou
descem;

Muda recua ao vello a Natureza!

A Soberba do Herce fascina os olhos, . . .

D'Homem se péja, a Jove arroga a ori-
gem:

A lisonja servil, que doura os crimes, . .

Altar lhe dá, e incenso! . . ., insano! . . .
estulto! . . .

Traidora mão propina-lhe o veneno, . .

Morre o Deos! . . . e o que assombro for
das gentes,

He das gentes baldão! na sepultura;

De que hoje nem sequer vestigios du-
rão,

Repousa, como os mais, quem se indi-
gnava

De que hum Mundo, e não mil, noto:
lhe fosse!

Cégo do exemplo seu, entre nós Car-
los

Do coração do Norte audaz rebenta:

„ Eu vou , diz elle em si , provar ao

„ Mundo ,

„ Que não forão sómente Grecia , e Ro-

„ ma

„ Productoras de Herces ; que os Ale-

„ xandres ,

„ Cesares , e Pompeos po' em vencer-se:

„ O ultimo Occaso , o Sul , d'Aurora as

„ plagas

„ Curvarão a cerviz do Norte ao Raio ,

„ E de Carlos o Nome a nuvem seja ,

„ Que aos mais Conquistadores cubra o

„ Nome.

Tremendo a Europa o vio , e vio com
pasma

Hum Rei mancebo para tudo ex-Homem,

Excepto para a gloria , aos pés calcando

Quanto de alliciador o Mundo encerra !

Quanto a seu rasto os demais Homens

cança !

Luxo, Prazer mas quem lançar os
ferros.

Póde ao Sueco audaz, s'elle resiste,

Tu, Konigsmark, o affirma, á Formo-
sura! (1)

(1) Cette femme (la comtesse de Konigsmark) celebre dans le monde par son Esprit, et par sa beauté, étoit plus capable qu' aucun Ministre de faire réussir les negociations. De plus, comme elle avoit des biens dans les Etats de Charles XII., et qu'elle avoit été long temps à sa Cour, elle avoit un pretexte plausible d'aller trouver ce Prince. Elle vint donc au camp des Suedois en Lithuanie, et s' adressa d'abord au Comte Piper, qui lui promit trop legerement une audience de son Maître. La Comtesse par ses perfections, qui la rendoit une des plus aimables personnes de l'Europe, avoit le talent singulier de parler les langues

Só-lhe he grato aos ouvidos , só lhe apra-
zem

Clangoroso estridor de Marcias tubas ;

*de plusieurs pays , qu'elle n'avoit jamais
vu, avec autant de délicatesse que si elle
y étoit née. Elle s'amusoit même quel-
ques fois à faire des Vers Français , qu'on
eut pris pour être d'une personne née à
Versailles. Elle en composa pour Charles
XII. que l'histoire ne doit pas ommétre.
Elle introduisoit les Dieux de la fable
que tous louoient les différentes vertus de
Charles : la piece finissoit ainsi. =*

*En fin chacun des Dieux discourant à sa
gloire ,*

*Le plaçoit par avance au Temple de Mé-
moire ;*

*Mais Venus , ni Bacchus n'en dirent pas un
mot.*

Tant d'esprit , et d'agréments étoient

Zurir de balas , brados de bombardas ,
Sangue a golfar , turbiñhonando o fumo ,
Serras de lanças , inesses de terçados ,
Desmembradas fileiras , rotas linhas ,
Éis o grato espectáculo , que encanta ,
Rouba os olhos do Heróe ! Retinir cove

perlus auprès d'un homme tel que le Roi de Suede. Il refusa constamment de la voir. Elle prit le parti de se trouver sur son chemin dans les fréquentes promenades qu'il faisoit à cheval : effectivement elle le rercentra dans un chemin fort étroit ; elle descendit de carrosse dès qu'elle l'aperçut. Le Roy la salua sans lui dire un seul mot , tourna la bride de son cheval , et s'en retourna dans l'instant ; de sorte que la Comtesse de Konsgmark ne remporta de son voyage que la satisfaction de pouvoir croire que le Roy de Suede ne redoutoit qu'elle.

Voltaire.

Da victoria na voz , dos seus nos vivas
De invencivel o titulo inconstante :
Corre insoffrido , e , sem que se recorde
Que da dita á desdita hum passo he meio,
Presume que na Russia a Persia encontra !

A Fortuna cançou ! e a Scena muda !
Vio em Pultava Arbellas , mas não pôde
Hum Dario encontrar ! profugo , errante ;

Ferido , quasi só , quem vira ha pouco ?
Pender de hum seu aceno regias sortes ?
De Barbaros nas mãos libra seu fado !
Evade a insultos da Nação protexa
Sem fé , sem lei , perfidias toda , immane :

Terna á Patria, mas como ? . . . Alegres
vivas ,

Ledas acclamações não lhe precedem :
O rédito triumphal ! marchão na frente
Reje , Desgosto , Lémures tyrannos ,

E

Que incessantes o pungem , té que o
levão

Buscar a morte á frígida Noruega !
Avareza mesquinha , Lixo infrene ,
Fanatismo cruel , Ambição cega ,
Estes os quatro tormentosos ventos
Que da Existencia o Oceano acapellão ;
Secundarios Tufões delles derivão ,
Que, as forças combinando, nos removerem
Do porto da Ventura , e da Virtude ;
E, batidos das ondas dos Desgostos ,
Nossos Baixéis nas rochas espedação
Do Vicio , e da Desgraça ! Venturoso ,
Harpágo fôra se , girar deixando
Seus amplos cabedões a bem do afflicto ,
Da Viuva , e do Orfão , Deos na terra
Conhecesse , que o ouro he meio á dita ,
Mas não adita o ouro ! fôra Alcipo
Se do Deboche , e Lixo distinguisse
Prazer , e Amor ! Esse que a Filha torna
Desgraçada , aos altares violentando-a ,

Virtuoso seria em não negallã
Ao sagrado Hymenêo , se petcebesse ,
Que ao Ceo desprázem victimas forç
çadas !

Grande fôra Alexandre , e fôra Carlos
Se, em vez de hir devastar alheio Imperio,
A bem dos Póvos seus tão só lidassem !

Oh ! modelo dos Reis ! Oh Pedro !

Oh Nome (1)

Que ha-de acabar quando o Universo ex-
pire ,

Pejo a Alaricos , Atilas , e Ninos ;
Homens , ou Furias , que nutria o san-
gue ,

Que o terror proclamou , maldisse o
Mundo ,

E a

(1) Pedro Grande , Imperador , e Re-
generador da Russia , cujo Nome será in-
mortal em quanta no Mundo houverem
verdadeiros Filósofos.

Que delles inda pállido se lembra,
Qual de hum vulcão, que devorou Ci-
dades.

Diluvio assolador, contagio horrivel!
A ti curvo espontaneo! Heroe confesso,
Quem debella Nações em campo arma-
do.

Quem Nações funda, Semideos acclamo:
Quem do nada as arranca, e as sóbe á
gloria,

Que hei-de chamar?...: Fundar Nações
he muito,

Policiallas mais. Mil Alexandres,
Romulos mil numerarei sem custo;
Mas de hum throno descer, para vagante
E n'ardua piza de Sciencias, e Artes
Aprender a reinar, exemplo he este,
Que, em quanto as Gerações se reprodu-
zão,

Ha-de louvado ser, nunca imitado.

Tu o deste, ó Czar, teu distinctivo h.
este.

CANTO I. 107

Roto o véo da illusão, que a tantos cé-
ga,

Sentir cusaste, que he mesquinha a glo-
ria

Se estrago universal foi della a base:

Que nada montão palmas, nada os lou-
ros,

Se os planta a Usurpação, e os rega o san-
gue.

Nada encontrando que emular nos Ho-
mens.

Fez-se émulo dos Céos teu genio altivo:
Corrigir intentaste a Natureza:

Como outr'ora de Jove a hum simples nu-
to

Do tenebroso cáhos emergíra

A creação esplendida, dess'arte

Soltaste a voz, e erguerão-se os porten-
tos.

Do somno da barbarie o Russo acorda,

E, indignado ao fulgor, com que o des-
lumbras,

Força e rosto debalde, e as trévas busca:
Vendo ao longe raiar alma Sapiencia
A estúpida Ignorancia ulúla, e geme;
Distende as longas azas côr da Noite,
Foge em tardonho voo! Caiê do throno
Géga Superstição: tinto de sangue
O Fanatismo atroz morde-se em ferros,
Arde, blasfema, e em último consolo
Das passadas ruínas se recrea.
Bons, ou máos seus costumes zela o vulgo,
E fácil os não despe, e o vulgo he monstro
Quando de seus estolidos furores
Malicia se aproveita! Armão-se, intenção
Impias conjurações romper-te os planos:
Frudente os frustra; os Strelitz dispersas,
Humilhas os Boiards: por ti sustida
Omnivivente Industria scena, e as Artes

Vem do Tibre, do Séquana, do Thâmes
Disper nas margens que tornea o Neva
Germes d'alto saber, gloria, e ventu-
ra,

De Risos, e Prazeres escoltada
Desce a Abundancia de Hyperbóreos ser-
ros.

Polida Urbanidade, Graças, Musas
Pasmão do Reino, que entre as neves
lhe abres.

Oppressa, desvalida n'outros Climaa
He livre ao lado teu Philosophia.
Ella a norma te aponta, com que abra-
des

Intractavel character de teus Póvos.
Onde te voltas Monumentos surgem.
Folga o gélido Baltico attentando
Nos ignotos Baixels, em que tremólão
Teus pavilhões triunfantes! Junta as
ondas

Operoso Canal ao Don, e ao Volga,

Que de abraçar-se attónitos perguntão ,
Quem fez tantos prodígios ! . . . De jun-
cosa

Lagôa esteril Petersbourg assoma
Soberba Capital do novo Imperio.
No horisonte Moscovico passando
Vê o Sol do Paiz mudado o aspecto ,
Pára , e julga , que errara o trilho an-
tigo !

Com olhos de ciume te contemplão
O Dano, o Prusso, o Austriaco, o Britan-
no.

Legislador , e Rei , Artista , e Chefe
Unes a taes brazões os de hum Soldado.
Primeiro ao risco , e ultimo ao perigo ,
Marchas a pé ; e quando desce a noite
O gélo , a dura terra , a cavidade
De hum rochedo he teu leito ! Nas der-
rotas

A vencer aprendendo , o lauro arrancas ,
Que ao Guerreiro Sueco a fronte entama.

CANTO I.

105

Quem mais fóros levou da Gloria ao
Templo ?

Quem mores os levou ? ... Credor mais
que outro

De Tasso á tuba, e de Phyllinto á lyra? (1)

Tu és o meu Heros , oh Pedro ! ... e
sendo

Na luminosa Estancia , que no Olympto

Os sublimes Espiritos habitão ,

Concedido escutar mortaes louvores ,

Ouve os louvores meus ; não são nasci-
dos

De hum peito escravo, que a lisonja ins-
pira ,

Mas de Mortal , que obscuro aos Reis ;
e aos Grandes

Não vende incenso , e o merito idolatra,

(1) O nosso grande Lyrico Francisco
Manoel de Nascimento.

○ PASSEIO.

POEMA.

CANTO SEGUNDO.

Moi tranquille et content sous un dais de verdure

Je jouis des beaux jours, et chante la Nature.

²Mr. de Saint Lambert. Saisons. ch. 1.

POrém deixemos já, Lieutard, deixemos

'Assumpto tão severo, e os ledos olhos,
Eia, estandamos na rural pintura.

Como a este lado as arvores frondosas
Entrelaçando os braços lá preparão

Sombra hospedeira ao lasso Caminhante,
 te!... (1)

Como discorre entre ellas claro artoio,
 Que daquelle rochedo além deriva,
 E, da menso que vai, á fantasia
 Parece que do sitio namorado
 Em seu tumbúrio delle te despade!...
 Conheces essa lapa, (que se afunda
 Lá onde em fúmpa moute elle se alonga,
 Bem que e' espelha o Sol, pinta-se a Lua)
 Que orna a hera trepante, e ferra o mus-
 go? ...

Alli dia feliz, doce lembrança,
 Que ha-de a mente occupar-me em quan-
 to eu viva!

(1) *Qui pinus ingens, utraque populus
 Umbram hospitalem consociare amant
 Ramis, et oblique laborat
 Lympba fuggo, inepidore vivo,*

Horat. Lib. 2. Od. 3.

Tranquilla te encontrei passando a sésa,
 E , a teus pés arrojado , a vez primeira
 O amante coração offereci-te ,
 E vi n'hum riso precursor d'hum gosto
 Sellar minha ventura ! inda ver creio
 Em doce languidez correr teu braço
 Em torno ao collo meu , e os róseos la-
 bios

Esta meiga expressão do peito abrirem :
 „ O teu amor me apraz , és meu , sou
 „ tua ! „

Qual fiquei , justos Ceos ! que fiz ! que
 disse !

Morro ! resurjo ! de prazer de-
 liro !

Tal em noite de horrisona tormenta,
 Entre brenhas perdido , envolto em sus-
 tos ,

Caçador alagado , além dos montes
 Vê disparando a mansa claridade ,
 A linda Njnfá , que conduz o dia

Pelas cêrúleas nuvens descobrindo
Aureas madeixas, rúbido semblante!

E inda ousamos queixar-nos dos desgostos,
Que affogão a existencia ! inda dizemos
Morte a vida, se nella ha taes momentos !

Para perpetuar tão feliz dia
Dispuz junto da gruta aquelle Louro ;
E na facil cortiça em cifra amante
Nossos Nomes gravei ; crescendo vinga ,
E os meus amores vingaráo com elle. (1)
Nessa vasta planicie agora attenta :

(1) *Certum est in Sylvis , interspelaa ferarum*

Male pati , tenerisque meos incidero amores

Arboribus : crescent illa, crescatis amores !

Virg.

Que fértil humo Ceres assaia?
Vê em montes allí fulvas espigas
Detrubadas jazer ; e além , cobertos.
De contente suor , os Segadores
Brandindo a outra foice , em terra pro-
tecto

Essas , que , inócuo mar , ao vento on-
dêão !

Não d'outra sorte a fúnciavel Morte
Corta , sem distincção , humanas vidas ,
Jóvenes lindos , enrugados Velhos ,
No throno os Reis , nas chieças os Pas-
tores ,

E indistinctos os lança á sepultura
Perto , não delicada Aldeana bella
Quer inda mais enfeitiçar o Amante ;
Não usa enfeites vãos , nem falsas cores ,
Ou brando mover d'olhos refalsados ,
Como da Corte as túmidas Deidades ,
Porém brandindo a foice , co' elle aposta
Quem primeiro verá o termo ao sulco :

CANTO II:

ria

Cos olhos nella o rustico Mancebo
N'alma se applaude de ficar vencido :
E, por que assim desfructo o resto amado,
Brada-lhe ás vezes, que recolha espigas,
Que espalhadas deixou!... Volve a Ser-
rena,
E as espigas não vendo, a astucia enten-
de,
E farpão novo a'hum sorrir lh'onereva.
Além, daquelle Ulmeiro á basta som-
bra
Niveo Velho, Nestor destes contornos ;
S'encosta ao Filho, que a campestre a-
vena
Une ao labio, e singelos sons desfere,
A que attenta a grosseira Juventude
Lasciva enlaça rápidas choréas. (1)

(1) Camões usou de *lasciva* nesta mes-
ma significação, quando disse:

Assim como a bontina, que cortada

Ora todos em chusma Jovens, Moças
 Rápidos girão deslizando a terra ;
 Ora extantes os mais , de grupo avança
 Airoso par , qu' em destros equilíbrios
 Exprime d'alma occultos sentimentos ;
 De novo em chusma rodeando-os pu-
 lão ,
 E , de flóreas grinaldas os enlaço :
 São vivas , e palmas , gosto occulto
 No coração do Velho se insinua ,
 E crê de novo remoçar c' os moços
 Lá dous membrudos , rusticos Athle-
 tas
 Nos braços nús s' enredão , lutão , ge-
 mem ,
 Forcejão , vergão : o suor em bagas

- *Antes do tempo foi candida , e bella,
 Sendo das mãos lascivas maltratada
 Da Menina , que a trouxe na capella.*

Luz. Cant. 3. Estanc. 134.

Lhe inunda as faces , lhe humedece-as
grenhas :

Curvão joelhos : . . . pela pelle avultão

Tumidas veas , musculos pulantes.

Ouve os gritos , os applausos ouves ,

Com que os accende a turba circumstan-
te ,

Que o brinco fadigoso escarnecendo ,

Estendidos na relva a taça emborcão

Do patrio vinho , que melhor lhes sabe ,

Que o çumo dessas vides , que opulen-
tão

Ferteis margens do Rheno ; e em ricas
mesas

Vem fervente espumar a peso de ouro ?

Assim tranquillo o Sabio mofa , e zomba

Do inçenato , qu' estólido dá costas

A' ventura , que o chama , e vai ao
longe

Por mares , por sertões pizando abrolhos

Arrebentar no trilhão ao seu Fantasma !

Attenta agora cá. Do myrtho á som-
bra

Vé dormindo oa morbida verdura
Linda Pastora , que huma Ninfa imita :
Em quanto , seu rebanho , se pendurão
De rocha em rocha trepadoras Cabras.
D'apos do myrtho eis surge manso , e
manso

Juven Pastor , e o dedo unido ao labio
Risonho impõe silencio á companheira
Da adormecida Amante , á frente ajusta
Linda capella de jasmins , e rosas ! ...
Já de antemão gozando da surpresa ,
E curioso embaraço da formosa
Quando desperte , e co' a grinalda en-
contre,

Oh , divino Pintor da Natureza
Prestigioso Gesner meu doce enlevo! (1)

(1) He tão conhecido o merecimento
de Gesner , especialmente dos que tem a

Oh ! tu , cujas Canções harmoniosas ,
Como o Sol beitas , gratas como as flores ,

Duras como a tua alma , quando as lis ,
Ou de huma fonte ao trémulo mutmú-
rio ,

Ou á sombra de hum Plátano , ou de
hum Louro ,

Dos olhos doces lagrimas saltarão ,

E no sensível coração me erguão

Terna saudade ; ou co' a innocência , e
magoas

Dos nossos Pais primevos, ouc' o quadro

*gum conhecimento da lingua Tudesca ,
que me dispensa de faller delle com mala
extensão. Seu imitador Schimit , e o nos-
so Quita são os unicos , que pela doçura
de seus Versos , delicadeza , e ar cam-
pestre de seus pensamentos me parecem
avizinhar-se a este grande modello*

Dos singelos costumes dos Pastores.

Vate immortal! quanto mais ólho o campo,
po ,

Mais em mim de teu Canto a estima aug-
menta !

Mãi do prazer , da liberdade filha ,
Doce Alegria , o campo he teu imperio !
Nelle dominas soberana amavel ,

Nunca odiada , e suspirada sempre.

Quando entre as Ninfas tuas , tropa lin-
da ,

A Candura , a Innocencia , a Paz , a In-
cúria ,

E a , poe desdita nossa , hoje tão rara ,
Santa Amizade , vens folgar nos prados ;
Debaixo de teus pés s' enflora a terra ,
Vestem as selvas galhardia ufana ,

E nas altas montanhas , fundas grutas ,
Onde Natura se mostrou medonha ,
O proprio Horror sorri ! doce Alegria ,
Qu' errados vão Satellites do Fausto ,

Que no motim te bustão das Cidades ,
Onde o mesmo prazer enoja , e cança !
Nesses brilhantes circulos de Amigos ,
Que hum momento ligou , solta hum
momento ,

Lá onde o coração fallar não ousa ,
E as vozes d'arte a atraioar s' esmerão !
Ou ses pés de bellezas petulantes ,
Qu' em premio de hum sorriso fementi-
do

De fracos corações latria exigem !
Ou pondo sobre hum dado os bens , e a
honra ,

Ou nos da corrupção dourados Templos ,
Onde o crime s' ensina , e aprende o cri-
me ,

Ditos Theatros ! que infernal malicia ,
Por que os Mortaes preverta , eleva aos
ares ;

Onde lasciva Actriz , sem pejo , ou
brio ,

Feito peçonha da belleza o neectar,
Cacando os corações c' o gesto, e os
olhos,
Sópra nos peitas devorante incendio,
Qu' ella facil depois abafa, e apaga
Pelo fulvo metal, por que se vende:
Onde, a carpí: quimericas desgraças
De fingidos Heroes, se affaz o ouvinte
A olhar como illusões reaes desditas,
O Orfão gemendo, o Velho ao desam-
paro! (1)

(1) Tenho ouvido alardear as mais belas cousas do mundo a respeito da efficacia, com que os Theatros (que os seus Apologistas chamão: Grande Escola de Moral) conduzem os Homens á Virtude: de mim confessa, que não posso perceber. Cêmo hum lugar, aonde se ajuntão pessoas de todo o sexo, condição, idade; onde jãgão, commovendo o Espectador, as paixões mais violentas, e perigosas, onde desen-

Ouvi Mortaes a voz do Desengano ,
Illusões despojai , despi fantasmas :

*freadamente se faz a satira de Classes ,
e Nações , e de quando em quando sôdo
alguns dictames da verdadeira Moral , pro-
nunciados por pessoas , que os deshonrão ,
e contradizem , possa produzir semelhantes
resultados. Em quanto eu não vir Com-
panhias de Filósofos representando Dramas
inteiramente differentes dos que se tem
escrito desde Sophocles , e Aristophanes
até Voltaire , e Moliere , affirmarei , que
o Theatro he hum passatempo se não dam-
nosa , pelo menos indifferente , e tão frí-
vollo como outros ; e aos que me quizerem
provar o contrario responderei com o eru-
dito Rei de Prussia :*

*Montrez moi, s'il se peut, un Mortel vicieux
Que votre Comedie ait rendu vertueux.
Non ; cet auguste emploi ne fut point son
partage ;*

**A Alegria buscais ? . . . Nos campos mo-
ra ,**

**Aqui a encontrareis por entre as flores
Em singelo sorrir , singelo traçe ,
Que os ardentes diamantes não apanhão,
Que dão peso , e valor , não graça , e
ornato.**

**A Ventura buscais ? . . . vinde , e nos
Campos ,
Se em fugir-vos s'esmera em toda a parte,**

*Qui veut se corriger trouve un pénible ou-
vrage :*

*C'est le combat interne , et la réflexion
Qui nous font approcher de la perfection.
Oui, notre vrai bonheur, et notre récompense
C'est d'établir la paix dans notre conscience.
Schœrerts de vos vains plaisirs ont ne doit
s'occuper ,*

Que lorsque du travail il faut se dissiper.

Le Roy de Prus. Epit. à Schœvr.

Esponanea , e fagueira vos recebe.

Lá na Aurora do Mundo , quando a
Terra (1)

Em todo o seu vigor , sadia , e bella ,
Sem mares , sem despenhos , sem mon-
tanhas ,

Bafejada de eterna Primavera ,
Era dos Ceos ou émula , ou retrato ;
E a luminosa Ecliptica brilhava
No plano do Equador; quando inda igno-
tos

Erão. rosas e nevões , geadas chuvas ,
E da contínu vez de humido, e secco ;
Frio , e quente , leveza , e peso do Ethes
Não derivavão invisiveis séttas
Ditas doenças , que nos corpos mettem
Veneno destructor , que os mina, e es-
traga :

F

(1) *Vid. Thomaz Brunet, de Sac. telu-
juris Theor, Lib. et sec.*

Para pôr a coroa a seus portentos ;

O Deus de cujas mãos recém-cabim,

Quer o Homem formar. De vasto Olym-

po ,

As portas de safra ei-las patentes !

Mil milhões de milhões de Anjos , brandindo

Sóis por facho , a passo magestoso .

A estrada , que d'alvura o nome obtém ,

De humilada , e d'outro luminosa bór-
dão

Logo por entre as lucidas fileiras ,

Que desde a terra aos Ceos se distendiu

De celestes clarins ao som divino ,

Marcha luzida Legião de Archanjos ,

De guerreiro denso ; mais briosos

Não foram nesse dia de impiedade ,

Em que no fundo Barathro agrojão

Satan com seus Satellites rebeldes :

Quando em guerra fervendo etéreos
Campos ,

Montanhas, e montanhas disparadas,
Por forças divinaes, pelo ar chocando,
As celestes abobadas tremiso.

O fulgente esquadrão bizarros seguem
Quatro Archangjos de talhe de gigante,
Que sustinão do Altissimo as bandeiras,
Onde fluctaão, dando-lhes o Nome,
Da Divindade os primos attributos
Omnipotencia, Compeixão, Justiça,
E Sempiternidade! Eis logo o Eterno
Invisivel co' a luz, e quem cortejão,
Co' as aureas plumas encobrando o rosto
Por que o nimio fulgor suster não po-
dem,

Os Chefes das celestes Jerarquias,
Qu' em ordenados batalhões seguem
Todo o vulgo dos Anjos, entoando
O sacrosanto Hosanna! „ Salve, dizem,
„ Deus vencedor, Deus forte, Deus
„ immenso,
„ Existente por Ti, por Ti ditoso,

- „ Deos ineffavel , Deos incomprehensivel !
 „ Tres vezes Santo ! . . . Creador ! . . .
 „ o Nada
 „ Tu fecundas ! . . . e a Ti mal sóbe á
 „ idéa
 „ Nada acha tudo ! . . . ante teu Throno
 „ no augusto
 „ Serafins, Querubins, Anjos, Archanjos
 „ Na Sagrada Sião espavoridos : . . .
 „ Cheios de tua magestade augusta
 „ Curvos desferem no Alaude de ouro
 „ Canticos de louvor , que vão d'envolta
 „ Com o fumo do incenso ao Santuario
 „ Agradecer-te a Bemaventurança ,
 „ Qu' em Ti desfructão , que de Ti lhe
 „ emana !
 „ E a teu Nome as Tartáreas Potestades
 „ Bramindo involuntarias genuflectem !
 „ Salve ! . . . Eis a Terra , . . os Astros ,
 „ o Universo .

Que, Adonai se tem proximo, estreme-
cem,

E emmudecerão ! Chega o Deos, e
o Homem.

Ay seu-bafo se anima ! e o Sabio Nume,
Que á ventura o creava, no Eden sacro
Deo-lhe passar feliz tranquillos dias
Nos braços da Innocencia. Oh ! nunca
o crime.

Por mão da fraca Esposa o despenhára
No barathro espantoso da desgraça,
E os Netos seus, e os Netos de seus Netos,
(1)

Que de seu erro lidimos Herdeiros.
Tambem não partilharamos a pena.

Oh ! campo, oh ! campo ! meu amor
primeiro,

(1) *Et Nati natorum, et qui nascentur
ab illis.*

Se Lientard nunca vira? o amigo berço

A' Humanidade foste, e a seus prazeres,

Que nunca te deixarão! Natureza

A ti os corações está chamando:

Pelo instincto guiado o tenro infante,

Que marchar pôde apenas, como ufano

Folga em vasto jardim, e os Pais des-

lembra

Para a seu gosto s'entreter co' as flores!

Senhor de Roma, e Déspota do Mun-

do,

Mil leuros sobre a fronte, e aferrolhado

Por suas proprias mãos da Guerra o Tem-

plo,

Entre as pompas, e os faustos, e entre

os vivas,

No throno universal, a que servião

De degrãos régias fronte debelladas,

Era Augusto feliz? ... não, por que o

fosse,

Despido o Rei, e retomando o Homem,

Aos Campos vinha , e ao seio se arrojava

Da amisade singela , onde depunha
Do diadema os dourados dissabores,
Que incommodo lho volveu ! copo em
punho ,

O Monarca , e o Vassallo , é lauta me-
sa ,

Iguaes pelo prazer , se abandonavão
Ao gosto d' existir ; cingida a fronte
De myrtho , e rosas , no alaúde de ouro
Olhos-fitos em Délia , desferia

Tibullo brandos versos namorados ,
E seu rival Propercio em tom mais bran-
do

Seus ardentes desejos expressava.

Eis vem Horacio , e n'arrojada Lyra
Canta o Valor , a Gloria , e Baccho , e
Venus ;

E a todo o som moldando-se sem custo ,
Ora os ouvintes extasia , e pasma

Co' as proezas de Drusso, ora os encanta (1)

C' os feitiços de Lydia, ora maligno
Mevios ferindo, e Menas, lhe dá riso.
Eis Pollião, e eis Varo, que presentão
Régias desgraças em choroso estilo. (2)
E o Senhor das Nações não se corria
De seus Versos mostrar! mudecem todos
Virgílio ouvindo, que modesto emboca
De Mecenas a rogo, Epica Tuba;
De que era o Deos; e em nobre Canto
offrece

(1) *Veja-se o mesmo Horacio. Liv. 4. Ode 4. Liv. 1. Ode 13. Epod. Ode 4. e 10. etc.*

(2) *Célebres Poetas Romanos validos de Augusto, que alcançárão grandes applausos por algumas Tragedias, e outras Obras, que se perdêrão nos seculos da Ignorancia. Dellas fallão honrosamente Virgilio, Horacio, e Quintiliano, etc.*

**Fúrias de Juno , e os empolados mares
Sulcando o Pio Heroe , que do abraçado
Ilion salvou por entre as labaredas
Os Penates , e o Pai ! depois mais bran-
do**

**Canta de Dido o caso lamentoso ,
E de novo troando em metro ardente
Expando o Inferno , pinta o grato Elysio ,
De Mesencio o furor , de Turno o es-
forço ,**

**E , morto elle , o fadado Imperio funda.
Calá , e attentos o escutão largo tem-
po ,**

**E rompendo depois em palmas , vivas ,
Como a Posteridade d'elle julgão.**

**Quadro assombroso , que huma vez só-
mente**

**O Universo adornou , da Lyra os Deoses
Sinceros a abraçar-se , e ora ha no Pindo
Só odio , e inveja , oh ! tempos ! oh !
costumes !**

Oh! que vida feliz nos campos vives!
O tranquillo mortal! ora empregado
Tão sómente em gozar, sem que lhe
Importem

Origens, e progressos, pasce os olhos
No vistoso painel da Natureza.

O Sol nascendo, murmurando os rios,
Cantando as aves, recendendo as flores,
Gados a retouçar, tudo lhe offrece

O prazer, o feitiço, o encanto, o gosto,

A desejada paz, a idade de ouro,

E hum ósculo libando á doce amada

Diz: ó Monarcas, não vos tenho inveja.

Outras vezes Philosopho curioso

Seguindo passo a passo a Natureza,

Lê-lhe os arcanos, sonda-lhe os mys-
terios,

Baixa ao centro da terra, onde se occul-
tão

Seus amplos arsenaes, vê como fórma

Os preciosos metaes, que por seu damno

O Homem lá vai roubar : como sustenta
tão

Esses Pyrophilacios assombrosos
Sulphúreo , negro fogo , que mil vezes ,
Quebrantando as prizões , abala a terra ,
Sorve altivas Cidades , e fallando
Por bocca dos Vulcões , aterra o Mundo
Tu o assella Herculano , e cá mais perto
Nem pudeste evadirte a seus furores
Fundação de hum Heroe , de Heroes fecunda ,

Patria minha Ulysses ! ah ! que inda
Téjo

Se arripia ao lembrar a pena, o lucto, (1)
Com que te vio ruir em fogo, em cinzas
Teus tristes filhes pállidos , trementer,

(1) *Allusão ao espantoso terramoto de 1755, que arruinou quasi toda Lisboa, sepultando debaixo de suas ruinas muitos dos seus desgraçados Habitantes.*

Fugindo aqui, e alli; a Esposa, o Filho,
A Filha, o Genitor, Anciãos, Meninos,
Huns esmagados, outros dos seus longe
Vagando ao desamparo, e sempre a Mor-
te

Presente aos olhos seus! mas já de novo,
De hum Heroe ao favor, surges mais bel-
la. (r)

He assim do aromatico seu tógo,
Qu' ella propria accendeo, que unica a
Phenix

Resurge mais formosa d'entre as cinzas
Onde a Idole deixou, e aos astros vóa.
Inda não satisfeito, vê dos mares

(1) O Senhor Rei D. José Primeiro de
saudosa memoria, que se immortalizou
pela reedificação da Capital arruinada,
elevando-a á magestade em que hoje a ve-
mos, pelo Ministerio do famoso Marquez
de Pombal, etc,

Reservatório immenso , ou vasto Impe-
rio

Do liquido elemento , derivar-se
Essa agua productora , que da terra ,
Qual sangue corre as veas , e lhe inspira
Vida , e vigor ; e em fórmãs differentes
Vai solta em rios , em canaes vai preza ,
Encharca em lagos , pelos troncos trepa ,
Com as plantas rasteja ; e , despojando
Seu salgado sabor , ao Homem presta
A mais grata bebida , e mais precisa ,
Ou volvendo-se insipida , e maligna
Ao mesmo Homem motivando , ou
morte ;

E em vapores subtis subindo aos ares
Pela attracção do Sol cahindo á terra ,
Ou liquida , ou tornada em branca neve
Os montes cobre , ou fórma novas mon-
tes .

E , depois de longuissima carreira ,
Volve de novo ao mar donde sahira !

Ora no trilhão de Scheinero, e de Herschel, (1)

De astro em astros vaguês; asombro
e asombro

Alli se lhe presenta em giro eterno;
E de prodigios tantos deslumbrado
Quasi da antiga Gente excusa o erro,
Que maior perfeição desconhecendo

(1) O Padre Christovão Scheiners, Jesuíta, o prímetro, que em Maio de 1611, depois de duas mil observações, descobriu ~~boa~~ toda brevidencia as maculas, e faculas, nascimento, occaso, periodos, figura, grandeza, situação, revoluções do Sol o que obrigou Descartes a dizer de ~~le~~ Nihil in hoc genere diligentius desiderari potest. Bem conhecido he de todos Mr. Herschel, que a 13 de Maio de 1781 descobriu em Bath hum novo Planeta, a que chamárão Urania, Cybele, ou Herschel para gloria do descobridor.

Nesses brilhantes , magestosos globos
 Deoses julgáráo ver ! dest'arte o Homem
 Té das obras do Eterno fez motivo
 Para insultar o Eterno ! Em preferên-
 cia (1)

Chamas sua attenção , Planeta augusto !
 Alma fonte de Luz , Sol refulgente

(1) *Il nous semble pour-tant bien in-
 fortuné l'Astronome qui passe les nuits
 à lire dans les Astres , sans y decouvrir
 le nom de Dieu quoi ! dans des figures si
 variées , dans une si grande diversité de
 caracteres , on ne peut trouver de lettres
 qui fussent à son nom ! le probleme de
 la Divinité n'est il point resolu dans les
 calculs misterieux de tant de Soleils ! une
 Algebre aussi brillante ne peut elle servir
 à degager la grande inconnue !*

Chateaubriand , Genie du Christianis-

me, T. 1. L. 4. C. 4.

Que os varios mundos , de que o Reſ
pareces ,

(Inda que o disco lúcido te affrontem
Cérulas manchas , faculas brilhantes.)
Attrahes em torno a ti, e em giro volves,
Sem que lhes valha auctoridade antiga
D' Estoicos , Pythagóricos , Platonios.
Lá vê desvanecer , qual leve fumo
De crespia viração ao rijo assopro ,
Todo o montão de hypotheses insanas ,
Que huma alma racional te attribuirão ,
(1)

(1) Não só ao Sol , mas a todos os
Astros attribuiu Origenes huma alma ra-
cional: erro , que foi condemnado no se-
gundo Synodo Constantinopolitano. Os Es-
toicos , Platónicos , Pythagoricos lhe derão
a vegetativa , ou sensitiva , opinião que
seguirão Simplicio , Avicena , Phylator , e
outros.

En général les Anciens croyent que

Ao menos vegetante , ou sensitiva ,

tout ce qui se meut de lui-même , et d'une manière réglée , participe bien sûrement à la Divinité ; que le principe intérieur , par lequel il se meut , est non seulement increté , mais encore exempt de toute altération. Cela supposé , on voit que dans la pensée du étoient les Anciens , que les Astres se mouvoient d'eux-mêmes , ils devoient nécessairement les regarder comme les Auteurs , et les conservateurs de tout l'Univers. C'est en partie sur un semblable raisonnement que Platon fonde sa démonstration de l'immortalité de l'ame. Elle est plus ancienne , que le corps , disoit il , elle lui est supérieure , puis qu'elle le voit naître , et se former insensiblement , acquérir toute sa perfection , décroître enfin. Elle exerce une sorte d'autorité sur tous les objets , qui l'environnent , elle les appelle , les renvoie , les fait succéder les uns aux autres , les confond , et les anéantit quand elle veut.

Apenas sendo nêtido Oceano

Quoiqu'il en soit de cette espece de demonstration, dont on se moqueroit justement aujourd'hui, je dirai que plusieurs personnes tres instruites dans les langues Orientales, conviennent que toute l'Asie n'adore sous divers noms, que les memes *Deités*, c'est à dire, les *Astres*. Elles ajoutent que ces divers noms, en remontant à leurs racines signifient la promptitude, la vitesse, se hater, aller toujours; ce qui donne l'intelligence, d'un grand nombre de cérémonies, et de pratiques de Religion qui étoient observées par les Orientaux: comme de faire des pèlerinages, de danser en rond autour des Statues de leurs Dieux, de les elever sur de chars de triomphe, et de trainer ces chars de Village en Village: en fin de se bâtir des demeures au sommet des montagnes les plus escarpées. Au reste c'étoient le Soleil et la Lune, qui par leur éclat, et leur lu-

De purissimo fogo. D'alli desce , (1)

miere se rendoient dignes des principaux hommages dont le peuple superstitieux honnoroit les Astres. Le Soleil se nommoit le Roi , le Maître , et le Souverain , et la Lune la Reine , et la Princesse du Ciel. Tous les autres Globes lumineux passoiènt ou pour leurs Sujets , ou pour leurs Conseillers , ou pour leurs Gardes , ou pour leur Armée.

Histoire Critique de la Philosophie par
Mr. Deslandes. Tom. 1.

(1) Muitos Philosophos antigos, e modernos , como Xeno , Demócrito , Pithágoras , Platão , e o Padre Kirkerio no 1. Livro = *Artis magna lucis et umbra* , tem as-
sentado , que o Sol he hum fogo purissi-
mo , e mais limpo , que o terrestre , com
alguma materia etherogênea , que ál-
gumas vezes fórma humas como nuvens.

Com Reaumur, com Linnêo vem ver nos
prados (1)

Ténue insecto, huma planta não lh' es-
capa,

Indaga, decompõe, de nôvo indaga,

Tão grande achando o Artifice Supre-
mo,

Em crear toda a máquina do Mundo,

Como no Verme, que entre o pó se per-
de!

Quantas vezes na planta mais formosa

O veneno elle encontra, á semelhança

Das nossas fermosuras, que recatão

Em rostos de Anjos, corações de Fu-
rias !.

Oh quem pudéra, os Mares devassando,

Hir thesouros buscar, medida Flora,

Que ao fundo equóreo prodiga repartes,

(1) *Reaumur, e Linnêo illustres Natu-
ralistas.*

Onde o coral talvez seja o somenos? ...

Pois se mostrasse o Mar sua opulencia

Corrêra-se talvez de pobre a Terra.

Mas se impossivel he (por ora ao me-
nos)

Meu emprego sereis, meu doce emprego

Riso da Natureza oh! gratas Flores!

Nascendo o Sol comvosco ha-de encon-
trar-me,

Comvosco o Sol me deixará morrendo!

Oh! que cadea immensa de prodigios

Vossa ephémèra vida! o olfato aquella,

Os olhos esta encanta, e tudo estoutra!

Huma timida esconde-se entre a relva,

Outra ufana de si, de trepar folga;

Tal ha, que ao Sol definha, murcha,
morre.

Tal, que jazera languida no' a noite,

Ao sentillo s' empina, e lhe abre ao beijo

Seu calix multicolor, arremedando

Desconsolada, saudosa Amante

Prendia o coração , quando sentado
A' branda aragem , que abalava os bos-
ques ,

Cheia a mente de altívolas idéas ,
Colhia alegre da eloquencia os favos ;
Confessando que os montes , e as flores-
tas

Seguem de igual amor Délia ; e Mi-
nerva.

E se a mysteriosa Antiguidade
Rios , outeiros , selvas , prados , fontes
De Nynfas povòou , foi figurar-nos
Os prazeres , que ao Sábio offerta o Cam-
po.

Oh ! Manes de Catão , de Cincinna-
to (1)

(1) *Lucius Quinctius Cincinnatus filium
Kasonem petulantissimum abdicavit; qui
et a Censoribus notatus, ad Volscos, et
Sabinos confugit, qui, duce Claudio Grac-*

Que he dos augustos respeitaveis tempos
Da Romana virtude , quando ao meio
Dos trabalhos ruraes mandava Roma
A Toga Consular aos seus Patricios ? ..
E as mesmas mãos , que válidas curvárão
As cervizes de túmidos Tyrannos

G

*cho bellum adversum Romanos gerebant et
Q. Minucium Consulem in Algido monte
cum exercitu obsidebant. Quinctius Dicta-
tor dictus , ad quem missi legati ; nudum
eum arantem trans Tiberim offenderunt : qui
insignibus sumptis Consulem obsidio libe-
ravit. Quare et a Minucio , et ejus exer-
citu obsidionali corona donatus est. Vicis
hosteis : Ducem eorum in deditiorem ac-
cepit , et triumphi die ante currum egit ;
sexto decimo die , Dictaturam , quam ac-
ceperat , deposuit , et ad Agriculturam
reversus est.*

Aurel. Victor.

**Todas volvião a emmanhar seus Campos,
Folgando a terra ao vómere laureado (1)
E triumphal Lavrador! Ditosos tempos,
Que de Roma voárão co' a virtude!**

Subamos essa entosta variegada
De musgoso tapiz ; da vista o lume
Lança á direita ; que pomposa scena !...
Que alegre variedade, que, sem fructo,
Engenhoso pincel verter tentava !...
D'aqui, d'alli, além branqueja o Téjo,
Gobette de mil flamulas, mil vélas,
Que vão, que vem, que amainão, que
atravessão,

E de hum bosque de Náos, que o Rio
escondem.

Que apenas balouçando as mansas águas
Parece que s' está revendo, e ufana

et triumphali aratori.

Phar. Second. de Natur. Hist.

Co' as homenagens do Universo intelli-
to ! . . .

Salve rival do Tibre , aos Ceos accêito !

Oh Padre Têjo , vezes mil te salvo !

Que Rios poderão riqueza , e gloria .

Comtigo disputar gloria , e riqueza .

Que a ti não cedão , a inclinar-se humilha-
des ?

Em margens de ouro teus crystaes en-
pralão-se , (1)

G 2

(1) As pessoas , que prezão mais a har-
monia ordinaria dos Versos , que a imita-
tiva , podem ler este Verso desta maneira :

Espraios teus crystaes por margens de ouro

*Como não sou Arcady não excommu-
guei inda os Esdréxulos , e os Agudos ,
quando delles posso servir-me com vanta-
gem.*

Regas de Hespanha a flor, teu gentil
clima

Que alimpa, e lava viração celeste,
Só Heroes justos, Sábios só produce:
Teus bravos Filhos, sem temor rompen-
do

Por Euros por tormentas, invias costas,
Ao Mundo descobrirão novos Mundos,
Onde levirão, não grillhões pezados,
Não ferro, e fogo, roubos, sacrilegios,
Maniatando a alhea Liberdade,
Ou surprehendo a fé dos Reis, dos
Povos;

Mas o gentil congregador das Plagas,
Fautor da paz, da industria, dos praze-
res,

Verdadeira opulencia, o aureo Commer-
cio:

Mas costumes, e leis, artes, cultura,
Humanizando barbaros Selvagens,
E de brutos subindo-os ao gráo d'Ho-
mens!

Só empregando esforço, e braço, e ferro
Na fraude, e no perjúrio, em justa pena.
Oh! constante Cochim, tu, que em
Pacheco (1)

De nosso esforço bélico observaste,
E de nossa lealdade clara prova,
Entre milhões de feitos nunca feitos;
Tropas do Camorim, que alli fugistes;
Ou rendestes a vida á Lusa espada;
Oh muros de Chaul, Malaca, e Diu;
Vivos padrões da gloria Portugueza,
Todos testemunhai coragem nossa,
E os dólos, e as traições pagos a sangue
Do Indio, e Mouro, qu'inda a olhar-
vos tremem!

(1) *Veja-se sobre as maravilhosas proezas dos Heroes Portuguezes os nossos Escriptores, em especial Barros, Couto, Castanheda, Osorio de rebus Emanuelis, Damião de Gêes, etc.*

Mas antes que luzissem Gamas, Cas-
tros,

Pachecos, Mascarenhas, Albuquerque,
Que multidão de Heroes te honrará o
Téjo!

Affonsos, e Monizes, Nunes, Freixas,
Sanchos, Joões, Menezes, Sousas, Sil-
vas,

E outros em quem poder não teve a
Morte,

Que os seus lares valentes defendêrão,
Ou té ao centro d'Africa levárão

Dura guerra aos desse Arabe, que astu-
to, (1)

Pelo Mundo espalhou Deos, e Lei nova.

Mas que procella horrisona bramindo
Sobre ti desfechou?... preságios tris-
tes, (2)

(1) *Mafoma.*

(2) *Fallo da traidora, e lamentosa ir-*

Phenómenos tremendos a annunciação ,
Sanguinoso Cometa arde na esphera ,
De intensas chammas escaldando a terra
Morre a flor , morre a planta , estanca a
fonte ,

Em vão busca o Pastor a si , ao gado
Ruro remanso onde deponha a sede ,
Placida sombra, que ao suão o esquivae
Hum Favónio , hum só Zéfiro não bolee,

*rupção dos Francezes em nosso Paiz, cuja
ferida inda está sangrando, e que me
isenta de demorar-me sobre hum facto
que tanto retalha a alma dos bons Cida-
dãos. Quanta ao mais estou muito arreda-
do de julgar, que o Cometa, e o grande
Tremor de Terra, que experimentamos em
Lisboa, já instantes aquelles calimitosos
tempos, fossem hum annuncio da nossa
desgraça; mas ninguem ignora, que o Poe-
ta deve lançar mão de quanto possa dar
hum tam mais augusto aos seus Versos, etc.*

Crestão vapores tóxicos os ares ;
A terra em convulsões subito abala
Da soberba Ulyssea os fundamentos :
He fama , que á mesma hora então mar-
cháão

A demandalla as pérfidas Phalanges ,
Com que o Senna, a justiça atropelando,
Te inunda , oh Téjo , as fertiles Cam-
pinas ! . . . (1)

Desfazendo-se os Ceos em chuva espessa,
(Qual se chorára os males , que te im-
pendem)

(1) Como se tem já reparado neste plu-
ral , de que uso , dar-lhe hei huma aucto-
ridade.

*Lembrança tem daquelle tempo antigo
Em que se virão no mais alto cume
De gloria , que jámdis Africa ganha
Gozando os Campos fertiles de Hespanha.*

Mousinho. Affons. Afric. Cant. 7.

CANTO II

111

Na Capital infausta entra a Cohorte
De almas podres no charco da impiedade,
Em risonho semblante palliando
'Tyranna usurpação co' a voz de Amigos!
Quantos crimes , e horror em Fúrias ca-
bem

Os sanguinários Tigres alardeão
Sobre a Nação , que amiga os hospeda-
ra ,

Encostada na fé que enlaça os Póvos.
Teus sacros Estandartes, que outro tem-
po

Vio Europa em respeito , Africa em sus-
to ,

A quem Asia , e America curvárão ,
Vão já de roxo: e surge em lugar delles
A Aguia sanguinolenta, o bico , as gar-
ras

Carregadas do espólio do Universo!
O Rei , Filho de Reis , gloria de Ly-
aia

598 O PASSIVO.

Pela voz da insolencia he já proscripto !!!

(1)

**Oh ! attentado ! ... oh ! crime ! ... As
mãos vertido**

**De ímpios algozes sangue da innocencia
Espirra ao pedestal da Estatua Augus-
ta (2)**

**Do maior dos Reis nossos ! do segundo
Fundador de Ulyssea ! em toda a idade
Sendo a Estatua de hum Rei sagrado a-
brigo !**

*(1) Pelo insolente Edicto, em que se
deu por extincta a Casa de Bragança em
Portugal. Veja-se a Collec. dos Docum. do
Antigo Governo, impressa em Lisboa.*

*(2) Hum pobre Louco, que a barbari-
dade, e a insolencia arcabuzarão, sem al-
guma fórmula de justiça, na Praça do
Commercio, junto da Estatua do Senhor
Rei D. José I. cujo pedestal ainda ficou
lascado das ballas.*

E nobis Redemptores, nostros Deos!
Ousão dizer-se os monstros, e algemar
nos!...

Movia ao riso, á indignação movia..
Ver escravos prégando liberdade
Entre as bayonetas, e canhões, e os
sabres

A hum Povo livre, a cujo throno angus-
to

Rei não subio sem sua livre escolha!..

Ara a desvestir dos móveis sacros,
E de virgíneo sangue enxovalhados,
Com sacrilego pé... que horror!
pisando (1)

Bustos do proprio Deos, sem pejo ousa-
rem

(1) *Horret ad huc animus, manifesta quo
gaudia differt,*

Dum stupet.

Inculcar Religião, e Humanidade
 A hum Imperio fiel, que desde a origem
 Guardou pura a virtude, illeso o culto!
 Impios, que mais que o Mundo os Ceos
 insultão.

2. 20 Lances! vim do remoto Senna ao Tê-
 ,, jo

3. De pugnar, de vencer dar-vos o ex-
 ,, emplo! (1)

Mat o Mestre Campeão, que assim bla-
 ,, zona,

Ao primeiro combate as armas rende. (2)

(1) Assim fallava a' huma Nação brio-
 aa e infame Junot. Veja-se a Collec. as-
 sima apontada.

(2) E o Campeador, que a dar lições se
 afouta

De brigar, e vencer em Lysia douba
 Mal armas mede, enfia; titubea
 A' primeira lição d'esgrima athea,

Santos e Silva.

Oh! com que voz exaltarei teu Nome
Generosa Britannia, Ilha ditosa,
Que tens por baluartes o Oceano!
Tu, que á cruenta rápida torrente,
Qu' Europa desolou, puzeste hum di-
que,

Apesar da fortuna, ou leda, ou triste!
Qual robusto Carvalho, que no excelso
Dos limitrofes Alpes, onde a neve
Em véllos chove, vitrifica em rochas,
Só elle hum bosque, venerando altêa,
Co' a raiz toca o Orco, os Ceos c' o tope,
Vio proezas de Tell, zombou dos Evos:
De violento encontrão, de horrendo em-
bate.

Tenta arrancallo, sibilando Bóreas,
Co' a cohorte atrocissima dos Ventos,
Qu' escaparão d'Eolia ás negras furnas.
Avante, apos, ao alto, urrando inves-
tem;

Forças empenhão, que alujirão Torres:

Elle inclina-se sim, porém não cede
E o, que em susto e contempla, hirsuto
to Helvecio,

Crê que as forças lhe dobra a inimiga for-
ça.

Generosa Nação! de Lysia oppressa
Alliada fiel vobis no auxilio.

Teus boiantes castellos alastrando
Serras de vagas, que de susto acurvão,
Auras lhe trazem, trazem-lhe Soldados,
Que unidos aos de Luso, audazes varrem
As Legiões Gallo-Corsas, que a vexavão:
Espira o Despotismo aberto a golpes,
E de novo a fugida liberdade
Em teus campos, oh Téjo, as azas fecha.

Mas que monta que o ferro corte os
ramos

Do venenoso arbusto, se, escondida
A nociva raiz na fértil terra,
Pullulando de novo estende, e roça
Com mór força as maléficas vergontas,

Morte ao nescio Pastor, e á rez' incauta?
 Mal decepára o Lidador Thebano
 Da Hydra Lernéa os rebrotantes collos
 Se, a seu lado Joláo c' o facho acceso;
 Não lhe matára a fecundez nos golpes!

Pouco Fábio moroso, e o bom Mar-
 cello

Fizerão rebatendo ao Peno os brios:
 De mór genio Scipião, c' o raio em punho,
 Vai remir em Carthago Italia, e Roma.

Sus pois, oh claro Téjo, vão teus Fi-
 lhos

Novos lauros colher do Senna ás margens,
 Marche co' elles o indómito Britanno,
 E o Ibero marcial. Embora durmão
 Nos braços da Indolencia, e da Ignomi-
 nia (1)

(1) *Povo feliz, que resgatas-te os foras
 Da liberdade a tantos desvestida,
 Só vós sois Homens, sim, que os mais,
 quaes brutos,*

Póvos do Norte, estúpidos á gloria
De Suecia, e de Albião. Embora oscúle,
Curvo o joelho, a dura mão que a esma-
ga,

Autonia já fallida da honra antiga:
E o mimoso paiz, que fôra outr'ora
Da heroica liberdade a séde, a Patria
Hoje pejo a Camillos, Déc'os,
Brutos,

Régulos, e Catões, roje volvido
Stábulo vil d'escravos sem arbitrio.

Vós briosas Legiões de jovens Martes,
Varios em lingua, em sentimento os
mesmos,

*Enfreados por mão do Despotismo,
De tantas Leis doletas, e oppressivas
Sentem nas curvas, fustigadas costas
Do agoute despiadado os vergões roxos
Por mãos imperiosas sacudidos.*

Francisco Manoel.

Emulos no valor , hídre animosos
Sanguenta Usurpação , que opprime o
Mundo ,

Atscar em seu próprio Capitoíio : (1)
Cubrão baixeis o mar , Homens a terra ,
Mudos co' elles tremendo terras, mares ;
Vão diante de vós Vingança , e Morte ,
Que o Terror, e os Estragos acompanhão;
Monta a Victoria no falcado coche
E a seguir-vos se alesta ! . . . sangue &
rios

Por Cidades ondas , Montes , Campos ;

(1) *L'Etat fait affronter les perils , et la
guerre ,*

*Qui sauve sa Patrie est un Dieu sur la terre ;
Par le puissant effort d'un esprit vertueux
Il perd pour ses parents le jour , qu'il reçoit
d'eux.*

Le Roy de Prus. Epit. à Stil sur l'em-
ploi du courage.

A Tyrannia espira , e prisioneiras
Vem já da Gallia as Viagens, e as Ma-
tronsas,

Nossas Filhas servir, nossas Esposas ;
Desfaz-se a escuridão , que assombra o
Orbe ,

Novas estrellas no horizonte assomão ,
A Liberdade , e a Paz ! qual nos figuração
Do cábea tenebroso o Sol surgindo ,
Do visitando o justo em carcer negro
Anjo consolador , que dos Ceos desce
De foga o manto , a túnica de absurda :
E a Razão do Universo empunha o Sce-
ptro !

Eu que talvez , magnanimos Guerrei-
ros ,
Correr hirei convosco os Campos d'Hon-
ra ,

Disparando o fuzil , brandindo a lança ,
Se meus dias as Parcas prolongarem ,
A' doce sombra então dos pátrios myr-
thos

Na Lyra, que Calliope me afino,
 Em metro augusto cantarei batalhas,
 Muros aluidos, quedas de Tyrannos,
 Thronos a Reis legitimos volvidos,
 Rasgos d'alto Heroismo, e gentilezas
 De que fui parte alguma: possa, oh.
 Téjo,

Ser o meu Canto do teu curso imagem;
 Sereno, mas sem languida molleza;
 Cheio, sem transbordar; forte, sem fu-
 ria. (1)

Mas do Sol es flammivomos Ethontes,
 Cobertos d'alva espuma, e fatigados

(1) *Oh! could I flow like thee, and make
 thy stream*

*My great example, as it is my theme;
 Tho' deep yet clear, tho' gentle yet not dull
 Strong, without rage; without effort flowing
 full.*

Danham's, Cooper's hill.

Do comprido girar, o passo abrandão,
E manso, e manso, pelo mar s'escondem.

Pelo accessó horisonte assoma ao longe
O mimoso Crepúsculo da tarde,
Roupastrajando azues borbadadas de ouro
Vem na esphera ostentar seu curto imperio;

Zéfiros brandos, placidos Favónios
Em torno ao seu Monarca adejão, vôão;

La deixa o valle balador rebanho
De mansas Oves, que n'alvura excedem
Neves septentrionaes: daqui parece
Hum longo mar, que empóla, e que
toldarão

Os ventos a bramir de fofa espuma:
De boninas ornada o seio, e as tranças
A candida Serrana as acompanha,
E rindo escuta do Amador Vaqueiro
Toscas finezas, naturaes requebros.

Tudo larga do Campo, e tudo busca

De seu alvergue o asylo ; ao nosso alvergue

Vamos tambem Lieutard ; teus mestres
dedos

Extrahindo o matiz dos sons do Cravo ,
De Marcos , e Hasse as arias portentosas
Co' a voz divina tornarás mais bellas ;
Eu doudo de prazer de ouvir teu canto,
Sobre teu hombro repousada a fronte ,
Do Mundo , e de mim proprio hei-de esquecer-me.

Oh ! quanto he doce hum magico sorriso
Ver adejar nas rosas de teus labios ! . . .
Como ardo , e me transporto se em mim
fitas

Olhos , onde ternura Amor fuzila ! . . .
Não te posso render grandezas , sceptros,
Mas tenho hum coração , em que domi-
nas ,

Pequeno Imperio sim , mas sem rebel-
des . . .

Branda cithara as Musas me temperão ;
Hei-de teu Nome eternisar com ella.

Mas que novo espectáculo nos olhos
De subito nos dá ! ... Da Aldea o Tem-
plo ,

Subindo aos ares co' as idosas Torres ;
O Adro soturno , que de toda verção
Tumulos toscos , funeraes Cyprestes ,
Talvez plantados pela mão devota
Do Fundador da Igreja , que hi repousa,
Sem inscripção , que hum si lhe lucre
As cinzas ;

A branda viração , q'te abana os ramos ,
Que o reflexo pathético da Lua
Deixa passar a custo , onde se acouta
O Mocho infestò , tégubre piando ,
Doce melancolia acórdão a' alma ! ...
Porém teu braço tremulò , e teu rosto
Para a terra apontado assaz me inculca
Que a solidão , e o sitio te apavorão ! ...
Oh ! não temas , meu Bem ! ... na se-
pultura

Não se aninha a maldade : nunca os mot-
tos

Guerra aos vivos fizeram : paz constante

Tem alli seu imperio : alli não são

Sussurros venenosos da calúmnia?

Nem se afia o punhal, que beba sangue

Do atraído amigo ; antes aquelles

Qu' em odio nesta vida deliravão

Lá misturão seu pó, se abração na urna,

A Morte, que figurão tão medonha,

Tão fêra, tão cruel, he branda amiga,

He redempção ao misereto, que soffre,

Ao Varão justo oppresso, ou mal puni-
do,

He como o porto apos a tempestade ! ...

Hum sarenô Catão sem susto a invoca,

Livre em seus braços, Cesares insulta,

A seu bafo Pacheco em pobre leito (1)

(1) O valerosissimo Duarte Pacheco,
tão celebre na Historia da Índia pela de-

-Despe a miseria, ingratos Reis absolve.
Outr'oura, como a ti, negras idéas,
Que na infancia bebi, me figuravão
Na Morte o maior mal; não me animava
Hum epitháfio a ler; estremecia
Ao som pezado dos funéres Psalmos;

*fezo de Cochim, e outras gentilezas mar-
ciaes, que chegam a parecer incríveis. Mas
apezar de tamanhos méritos morreo des-
graçadamente n'hum Hospital, o que obri-
gou ao nosso Camões a exclaimar:*

*Isto fazem os Reis, quando, embebidos
N'hum apparença branda, que os contenta,
Dão os premios de Ajace mercedos
A lingua vã de Ulysses fraudulenta:
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos
Por quem se doces sombras apresenta:
Se não os dão a sabios Cavalleiros
Dão-nos logo a avarentos Lisongeiros.*

Lusiad. Cant. 10. Estanc. 24.

Mas affim do Tarnisa o sério Vate (1)
 Minha illusão desfez, co' elle na vida
 Olhei males reaes , affix-me às trevas ,
 Pago-me de scismar entre os sepulchros.
 A muda solidão , e o Pavor santo

H

(1) Young. Si je ne me trompe bien ,
 la lecture de Young est plus consolante ,
 qu'elle n'est capable d'aigrir , est on heu-
 reux : on jouit en le lisant de l'espece de
 plaisir que sentait a spectateur tranquille
 le d'un naufrage , dont parle Lincree , est
 on heureux : Young est un ami , qui vous
 entretient des vôtres douleurs et vous gante
 tez a le lire la douceur qu'on éprouve a
 s'entendre plaindre. Tant qu'il y aura des
 infortunes dans la vie , des abus dans la
 gouvernement , des injustices dans les so-
 ciétés , on n'aura point à se repentir d'a-
 voir quelques fois revé tristement avec
 cet Anglais melancolique.

Mr. le Tourneur,

Fundas meditações me assomão n'alma,

(1)

Q'lh'o rasteira Campa envolta em musgo

Digo commigo = Aqui talvez repousa

Algum novo Camões! . . . outro Bocage!
ge! . . .

Hum que levasse Heroes a estranho Mundo

Por mares nunca d'antes navegados, (2)

(1) *O uso dos Verbos neutros com accusativo, tem (jára dos nossos bons Escriptores modernos) a auctoridade dos nossos antigos: darei hum exemplo do elegante Gabriel Pereira.*

*Sahe Lysio, que de Jupiter se préza
Ser claro, conhecido descendente,
Da Ninfa Dato, cuja grão belleza
Desce do Olympo Jupiter potente.*

Ulisses Cant. 8. St. 153.

(2) *Verso de Camões. Lus. Cant. 1. St. 1*

Outro que estemporaneo aos Ceos roza
Sobre versos de fogo! . . . abandonez-os
A sciencia, a Fortuna! . . . em flor mas-
chárão! . . .

Vou mais avante; os restos talvez pizo
De hum Nuno sustedor de sólio inacces-
to! . . .

Mas talvez junto delle em paz descança
Hum Mafoma impostor! . . . talvez se
unisse

A'quelle casca hum monstro, que espo-
rava

Para a terra ensopar em sangue humano,
Que huma Nação maníaca, de novo
Degolasse seu Rei! ambos a Parca
Immatturos ceifou a bem do Mundo!

Mais ao longe imagino, que a Verdade

Me aponta hum mausoleo, me cõz: Ho-
manos

,, Aqui se acaba tudo! ruem, manem

-Despe a miseria, ingratos Reis absolve.
 Outr'oura, como a ti, negras idéas,
 Que na infancia bebi, me figuravão
 Na Morte o maior mal; não me animava
 Hum epithálio a ler; estremecia
 Ao som pezado dos funéres Psalmos;

*fezo de Cochim, e outras gentilezas mar-
 ciaes, que chegam a parecer incríveis. Mas
 apesar de tamanhos méritos morreu des-
 graçadamente n'hum Hospital, o que obri-
 gou ao nosso Cantões a exclamar:*

*Isto fazem os Reis, quando, embebedos
 N'hum apparença branda, que os contém,
 Dão os premios de Ajace merecidas
 A lingua vã de Ulysses fraudulenta:
 Mas vingo-me; que os bens mal repartidos
 Por quem se dees sombras apresenta:
 Se não os dão a sabios Cavalleiros
 Dão-nos logo a avarentos Lisongeiros.*

Lusiad. Cant. 10. Estanc. 24.

Mas affim do Tánha o sério Vate (1)
 Minha illusão desfez, co' elle na vida
 Othei males reaes, affiz-me ás trevas,
 Pago-me de scismar entre os sepulchros,
 A muda solidão, e o Pavor santo

H

(1) Young. Si je ne me trompe bien,
 la lecture de Young est plus consolante,
 qu'elle n'est capable d'attrister, est on heu-
 reux: on jouit en le lisant de l'espece de
 plaisir que sentait a spectateur tranquille
 le d'un naufrage, dont parle Lucrèce, est
 on heureux: Young est un ami, qui vous
 entretient des vôtres douleurs et vous gaule
 tez a le lire la douceur qu'on éprouve a
 s'entendre plaindre. Tant qu'il y aura des
 infortunes dans la vie, des abus dans le
 gouvernement, des injustices dans les so-
 ciétés, on n'aura point à se repentir d'a-
 voir quelques fois veu tristement avec
 cet Anglais melancolique.

Mr. le Tourneur,

Fundas meditações me assomão n'alma,

(1)

Q'lh'o rasteira Campa envolta em musgo

Digo commigo = Aqui talvez repousa

Algun novo Camões! . . . outro Bocage!
ge! . . .

Hum que levasse Heroes a estranho Mundo

Por mares nunca d'antes navegados. (2)

(1) *O uso dos Verbos neutros com accusativo, tem (fôra dos nossos bons Escriptores modernos) a actoridade dos nossos antigos: darei hum exemplo do elegante Gabriel Pereira.*

*Sahe Lysio, que de Jupiter se préza
Ser claro, conhecido descendente,
Da Ninfa Dato, cuja grão belleza
Desceo do Olympto Jupiter potente.*

Uliessen Cant. 8. St. 153.

(2) *Verso de Camões. Lus. Cant. 1. St. 1*

Outro que estemporaneo aos Ceos voasse
Sobre versos de fogo ! . . . abandonou-os
A sciencia, a Fortuna ! . . . em flor mur-
cháram ! . . .

Vou mais avante ; os restos talvez pizo
De hum Nuno sustedor de s'olio incer-
to ! . . .

Mas talvez junto d'elle em paz descança
Hum Mafoma impostor ! . . . talvez se
unisse

A'quelle casco hum monstro , que espe-
rava

Para a terra ensopar em sangue humano ;
Que huma Nação maniaca , de novo
Degolasse seu Rei ! ambos a Parca
Immaturas ceifou a bem do Mundo !

Mais ao longe imagino , que a Verda-
de

Me aponta hum mausoleo , me diz : Hu-
manos

,, Aqui se acaba tudo ! ruem , morrem

- „ Imperios , Gerações , e Monumentos ! (1)
 „ Foi sábia hum tempo a Capital do
 „ Mundo ,
 „ Pobre Aldéa sem nome he hoje Athe-
 „ nas ,
 „ Escrava bruta de Senhor mais bruto :
 „ Onde Sophis reinou , onde a Virtude
 „ A Inércia , o Barbarismo despotizão !...
 „ Que he da torrente de Moyses Selva-
 „ das gens
 „ Barbaros como as fêras de seus montes ,
-

(1) *Glacé l'alta Carthago : a pena i signi
 De l'alta sue vulne il lido serba-
 Moionno le Ciltà , moionno i Regni
 Cobri i fausti , e le pamppe arena et erba !*

Tass. Geriss. lib. cap. 15. st. 20.

*Voras el Tiempo con la diestra ayrada
 No ay imperio mortal , que non consuma.*

.. .. Lop. de Veg. Carp.

2. Que o Romano Colosso derrubarão !

3. O nada os deu, ao nada outra vez fo-
raão.

4. D'Epheso o Templo hum louco o pôz
em cinza. (1)

E a Morte estranha o Homem ! . . . Não
querida ,

Ey não a estranharei ! . . . d'ha muito
afeito

A contemplalla estou ! . . . sei , que ou-
tro em breve

Ha-de vir meu lugar tomar no Munde
do ! . . .

Então debalde do Amador sem vida

Ignéos bejos darás nos labios frios ! . . .

Chamas por elle . . . e te responde ao
longe

Lúgubre sino , que o convida á terra ! . . .

Nunca mais o verás a hum teu suspiro

(1) *Herastrate.*

Suspiros mil, e mil lançar do peito ! . . .
Adeos jogos de Amor ! . . . adeos prazeres ! . . .

Ledos passeios, namorados versos ! . . .

Tudo co' elle caminha á sepultura ! . . .

Oh ! não consintas, Bella ! oh ! não consintas,

Que a tristeza meu seetro profane ! . . .

Nada de luctos ; lagrimas não vertas ;

Não fira a nívea mão teu lindo peito ;

Tranças não rompa ; que o sepulto Amigo

Tua suadade exige , e não teu pranto.

AO SENHOR JOSE MARIA DA
COSTA E SILVA.

EPÍSTOLA.

Quem pôde contrastar o austero, &
duro,

E indómito poder do Fado, e Sorte? ...

Das urnas do Destino Imperios surgem,

Nas urnas do Destino Imperios morrem,

Em móto, perennal, em giro eterno

Rodão constantes dos Mortaes as obras,

Ora se mostram no fulgor da Gloria,

Ora entre sombras lúgubres se immer-
gem.

A abrilhantados Seculos de luzes

Vão succedendo Seculos de trévas.

Das Artes bellas, das Sciencias todas

Toçoa degraão supremo a doura Athenas;
 Eclipsou-se o clarão; tórpe Ignorancia
 Com seu barbaro pé subplanta Athenas:
 Assim Roma ~~sublo~~, findou-se Roma;
 Emmudecêrão levantados Cisnes,
 Viçosas palmas, ~~leusos-se~~ murcharão.
 Lysia das Leis Universaes não fuge;
 Protentosos reverberos de luzes
 Peló Universo extático entornava,
 E quando seus Heroes no actoso Oriente
 Rivalisavão c'os Heroes do Tibre,
 Então nas margens do cerúleo Téjo
 Alinos Hymnos de Píndaro se ouvião;
 De Homero, e de Virgilio a argentea
 Tuba
 Mais forte Achylès, mais piedoso Eneas
 Aos scintillantes astros levantava.
 A Fruta de Theócrito mais doces
 Nas ribeiras do Líz canções seguia. (1)

(1) *Ajudado a Francisco Rodrigues Lobos*

Até de Melpomene o lucto ; as magos

E magestosa voz na Lusa Scena:

Digno rival de Eurípedes mostrava. *E M*

Mas do Imperio o esplendor co' a luz das

Artes

Súbito entrou ao Ocaso escuro , e tris-

te :

Aos dias de ouro hum seculo de ferro.

Virão seguir-se as Musas assustadas.

Mévio , e Bávia sômente aos alvos Cis-
nes

Tardos , rasteiros vãos oppozirão.

Sorte do Téjo foi sorte do Tibje , *ET*

De Tasso ao throno levantar Marimã :

A' simples magestade , ao nectar doce

O frio , insulso equivoco succede :

E tímidos , e enfáticos Lucanos

O bipartido Monte tyrannisão.

O ferreo jugo c' os grilhões pesados

O Genio hum pouco arroja , e solto estende

Nô espaço já ganhado as livres azas.

Ouvio-se a voz da Arcadia : entre os Pinheiros ,

Que o levantado Ménalo coroão ,

Os magestosos Cantos ressoarão ,

Com que Elpino os Heroes immortalisa , (1)

Que á Lysia dêrão gloria , ao Mundo inveja :

Ouvio-se em Coridon de Horacio a Lyra , (2)

E as Lusitanas Musas ressurgirão.

Da Portuguesa Lingua aurea facundia

C'o sello do bom seculo derrama

(1) O Desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva.

(2) Pedro Antonio Corrêa Garção , Restaurador da Poesia Portuguesa.

Grão Effinto immortal roubado ao Té-
jo, (1)

Qual já n'outr'ora o Numen Sulmunense
Fôra entre Scythas barbados carpir-se
De hum erro, que eclipsou braços á
Roma.

Rival de Gesner, que, nos calvos sêr-
ros

Da nimbose Suissa, a Frauta emboca;
Quita sentimental suspende o Téjo, (2)

Nemesiano Luso a tenue Avena
De tal arte tangeo, que a idade de qua-
ro

No doce Idyllo reproduz á terra,
Mas das Musas o imperio inda mais lar-
gos

Assignalla confins : tímidos Neutas

(1) O grande Lyrico Francisco Manoel
do Nascimento.

(2) Domingos dos Reis Quita,

Não perdido de vista humidas praias
 Póde hum Cook atrevido o immense O-
 ceano

Não temer, e saltar, e hir novos Cli-
 mas

Debaixo de outro Ceo tocar primeiro;
 Pelo intentado mar da Sapiencia,
 Onde he fanal Philosophia austera;
 Oustaste, oh! Silvio, desfaldar as vel-
 las,

E ao Britanno mostrar, que póde o Té-
 jo

Altos Cisnes crear, que os Cisnes sigão,
 Com que se refina o frigido Tamisa;
 Que Tompson tem Rivas, que a Natu-
 reza

A hum Vate Luso o seio desabroxa;
 Que a não muda Pintura em nós Alba-
 nos,

Em nós Wandikes tem. N'hum campo
 estranho



A Lusitana Musa as menses colhes,
 Que a soberba Albion julgava suaz.
 Tu pizas nova estrada, e as Idúneas
 Palmas á Patria dás, primeiro as colhes:
 Levas ao lado teu Philosophia.
 Quanto he formosa, e bella a voz das
 Musas

He seu seguro Interprete ! com ella
 Pintas da Natureza almos thesouros :
 Com teu fecundo espirito passeas
 Pelo quadro gentil dos fertéis campos,
 E o moral sentimento a todos levas :
 Reproduzes os seculos, e correes
 (Vasta imaginação !) quanto de grande.
 Os atrazados seculos encerrão
 O culto, a adoração, o incenso, as a-
 ras,
 Que ás Artes déra o Déspota de Roma,
 Quando, depondo a purpura, escutava
 O Mantuano Homero, o Alceo do Tiá-
 bre,

Em tanta luz aos olhos representas,
 Que dás lição sublime a Idade nossa,
 Em que aos Cisnes se encusta o vôo, e
 tristes

Agourelas, Corujas negras azas
 Aventurão bater na luz, no dia,
 E torpissimas Rãs em charco immundo
 O volume igualar ousão de hum Touro
 Qual: he vária, he fecunda a Natureza;
 Tal teu Engenho os quadros multiplica:
 Do horror de alpestre, inculta Serrania
 Passas rapidamente ao prado ameno.
 Junto a escarchado tronco a flor mimosa
 Matiza a veste do Jardim viçoso.
 Na rosa, no jasmim, que rompe, e
 morre,
 Da vida, e da belleza a imagem encon-
 tras:

Tal outr'ora entre os plátanos da Estoa
 Austero Zeno á Natureza olhava,
 E nella os brados da Virtude ouyia.

Nunca foi mudô o quadro do Universo !
 A voz lhe escuta o Vate , e nella estuda
 Lições , que aos Homens dá com Versos
 de ouro.

Tu salvaste do opprobrio a Poesia
 Até-gora abatida , abjecta sempre ,
 Prostituida ao Poténtado inútil ,
 Ou servindo á paixão baixa ; e terna ;
 Que degrada o mortal , e em que tão al-
 tos

Nô pátrio Téjo Espiritos se perdem ,
 Quando as Jonias venaes Canções en-
 toão ,

E á mole Quadra , e frígido Soneto
 Celeste dom das Musas sacrificão.

Tu louvas a Virtude, e Heroës acclamas
 Quandó o Estro Píndárico se appossa
 De teu engenho férvido , e subido ! ...

Tu, qual Aguia nascente, o vôo ensaias,
 Com que inda hum dia a Scena Portu-
 gueza.

Suba talvez aos refulgentes astros.

A copia de Zaira, o Heroe de Neva (1)
São fausto agouro, do que a mente ac-
cesa

Em profetica luz já me assegura.

Mas não tem preço o fúlgido Diamante;
Se, entre as sombras da mipsa, á luz se
rouba;

Nem palido metal, que ao mundo impe-
ra,

Quando no bojo escuro o monte o fecha,
Teus Versos pede o Mundo; eia não tan-
des,

Avizo de taes bens, e á luz os manda
Lettras, Virtude ao tûmullo caminhão;
O frenezi da Guerra assusta as Musas,
Não temas o furor do horrendo Marte,

(1) *Alludé ás Traducções de Saira, Tragedia de Voltaire; e de Pedro o Grande, Tragedia de Dérat.*

Menos da Inveja as settas venenosas :
 Os golpes seus ao mérito acrisolão,
 Já te accena c' o louro a Patria, o Mun-
 do.

Não suspendas seu voto : Honre-se o Tê-
 jo

Com cantos Philosophicos té-gora
 Nunca escutados pelas aureas margens,
 Tu recêas, que a Sátira aboçanha
 Acaso as Produções, que Estudo, e
 Arte

Co' a polidora lima aperfeiçoão ?
 Nunca alteroso Cisne se acobarda
 De hum lodacento Pato ao vão grasnã-
 do !

Retarda acaso a Aguia o vôo altivo
 Se o Moxo piador nas selvas ouve ?
 Ah ! despressa os Reptiz, que o corpo
 infatiga

Só pela terra tímidos arrastrão.
 Temes os Pais do frígido Elogio,

Que o congelado Actor repete a trote?...?

Assassinos crueis da paciencia

Fazem dormir em Lysia as Artes todas,

(E para que não sei) no brando leito

De lascados penedos ; na garganta

De huma cova tão ôcca como a fronte

Destes Vates do Orco , e da Pobreza.

Não são bons Versos , os que a fome em-
gendra ,

De huma lingua famélica o veneno

Não te retarde os vãos generosos ,

Que emporta , que dous Cães gozos, sar-
mentos

Insados de rabuge , e de lazeira

Ladrem damnados á serena Lua ?

Lá vai no coche d'Ebano volvendo

Pelo liquido espaço o incerto curso

Sem se lhe dar dos inférnaes latidos :

Quaes Barbaros incultos, e embrenhados

Pelos vastos Certões de Inhame , e Côco

Se a ponta no Orizonte a disco ardente

**Do luminoso Sol despedem settas
Contra o clarão, que traz, e fórma o
dia,**

**Anima a Natureza, e o Mundo amostrea,
Se he licito em pequeno exemplo grande
Contra o melhor dos Reis, e Heroes da
Guerra (1)**

**Só vemos conjurar Vasco Porçalhe,
O Pai na Palestina, a Mãe na Arabia
Negro berço tiverão, e esta cris.
Só de taes fontes dimanar podéra.
Para os máos he tormento o que he vir-
tude.**

**Lisboa, tres de Julho, he Ode, he
Ode ! . . .**

**São estes os Satiricos, que tomes? . . .
Teme Bezerras dous vasto Elefante,
Ou sanhudo Leão dous Frangos teme?**

(1) *El Rei D. João I. de eterna, e
amabilissima memoria.*

Solta das mãos o raio da Poesia ;
 Co' a refulgente luz dá brilho á Pátria
 E ambos os Mévios fedorentos zarze.
 Vão no torpe silencio , e na vergonhas
 Cravar de raiva as venenosas unhas
 Nas faces, que o pudor , nem agoa virã o.
 Parnaso , tres de Outubro. Amigo , E I-
 mmo.

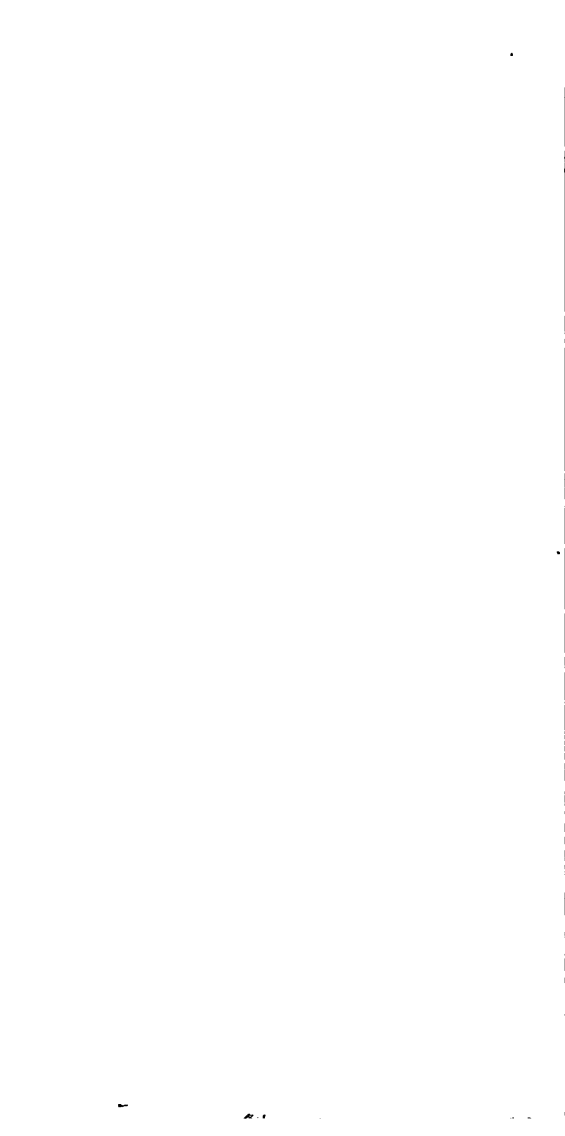
De José Agostinho de Macedo.

O Sabio Lector desculpará algum er-
 ro , que pelo decurso da Obra achar ,
 e o mesmo Lector os poderá corrigir.









YC152675

